

t e c e n d o   m e m ó r i a s ,  
r e c o n s t r u i n d o   h i s t ó r i a s



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
Instituto de Arquitetura e Urbanismo  
Carolina de Oliveira Melo Silva

**tecendo memórias,  
reconstruindo histórias**  
Centro Cultural Comunitário Salto do Peixe

**TRABALHO DE GRADUAÇÃO INTEGRADO**

**Comissão de Acompanhamento Permanente:**  
Maisa Fonseca de Almeida

**Coordenador do Grupo Temático:**  
Amanda Saba Ruggiero

São Carlos  
2023



ESTA OBRA É DE ACESSO ABERTO. É PERMITIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTA OBRA, DESDE QUE CITADA A FONTE E RESPEITANDO A LICENÇA CREATIVE COMMONS INDICADA

Carolina de Oliveira Melo Silva

**Tecendo memórias, reconstruindo histórias:  
Centro Cultural Comunitário Salto do peixe**

Trabalho de Graduação Integrado apresentado  
ao Instituto de Arquitetura e Urbanismo da  
USP – Campus de São Carlos.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

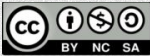
SS586t

Silva, Carolina de Oliveira Melo  
Tecendo memórias, reconstruindo histórias: Centro Cultural Comunitário Salto do peixe / Carolina de Oliveira Melo Silva. -- São Carlos, 2023.  
126 p.

Trabalho de Graduação Integrado (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) -- Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2023.

1. Museus comunitários. 2. Centro Cultural. 3. Cidades pequenas. I. Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:  
Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229



**BANCA EXAMINADORA**

Profa. Dra. Amanda Saba Ruggiero  
Universidade de São Paulo

Profa. Dra. Maisa Fonseca de Almeida  
Universidade de São Paulo

Fabiana Fernandes Paiva dos Santos  
Universidade de São Paulo



## [ a g r a d e c i m e n t o s ]

Ao meus pais, Patrícia e Eli, por todo apoio e incentivo ao longo de todos esses anos, sempre me guiando e trazendo conforto nos dias difíceis.

A minha irmã, Mariana, por se aventurar comigo nessa busca de conhecer a história da cidade em que crescemos.

A meu namorado, Gabriel, que sempre me apoiou e acreditou em mim, me dando suporte quando mais precisava.

Aos meus amigos e colegas de graduação, em especial o Guilherme, o melhor amigo que a graduação me trouxe, e que espero levar para a vida.

A minha orientadora Amanda Ruggiero, que me guiou ao longo de toda minha trajetória acadêmica, sem ela eu não teria descoberto minha paixão pela expografia.

A Camila e Maisa, orientadoras incríveis que me ajudaram muito em todo o processo de desenvolvimento do projeto, mas que além disso sempre conseguiram deixar o TGI ser algo leve e tranquilo.

Ao Wellington, meu amigo e engenheiro civil que me acompanhou nos últimos dias de projeto e que me auxiliou por diversas vezes, tanto no quesito estrutural quanto no emocional.

Aos meus amigos de Salto de Pirapora, que cresceram comigo na cidade onde meu projeto é idealizado, e com quem pude partilhar partes desse processo de projeto e pesquisa.

Por fim, ao Rogério, meu eterno professor, que desde os meus 12 anos me incentivou a estudar e acreditou que eu iria longe. Você é minha inspiração.

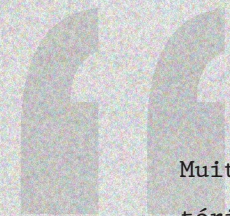


## [ r e s u m o ]

O presente trabalho se desenvolveu a partir de um processo de re-descobrimto da minha história, e da história da cidade em que nasci: Salto de Pirapora. Apesar de possuir poucos documentos históricos que relatam seu passado (alguns até perdidos por conta de um incêndio no cartório local há muitos anos atrás), sua memória permanece viva. Ao pesquisar na internet histórias locais, encontramos diversos grupos online criados por moradores, onde estes trocam fotos, lembranças, e compartilham suas histórias com outros saltopiraporenses, de modo a cruzar dados e descobrirem novas informações sobre suas famílias e o lugar onde nasceram. Nesse sentido, o Centro Cultural Comunitário Salto do Peixe surge como um espaço propício para a interação entre moradores locais e a reconstrução de narrativas que contam sua história, contribuindo no processo identitário do indivíduo e promovendo a valorização coletiva da história local. Partindo de uma base de estudos museológicos, o centro cultural abriga um museu comunitário que propicia um ambiente onde os habitantes podem contribuir ativamente para a construção de suas próprias narrativas históricas, além de contar com espaços voltados para a criação artística coletiva, promovendo atividades culturais dos mais variados gêneros para toda a comunidade.

Palavras-chave: Museus comunitários. Centro cultural. Cidades pequenas





Muitas pessoas passam pela vida e nem se apercebem da riqueza de sua história e do valor de seus personagens. Ficam como peixes em aquários, num ir e vir, do amanhecer ao anoitecer; do nascimento até a morte.

Já alguns, raros sobreviventes da mesmice e da falta de brilho próprio, passam pela vida como máquinas fotográficas vivas, que a tudo registram e gravam para sempre em sua memória. Vivem, com vontade, com prazer, e dividem com o mundo as suas lembranças.

Mírian Cesar Baptista





1

**a cidade**  
página 15

2

**a cultura**  
página 39

3

**o projeto**  
página 69

4

**referências**  
página 124



c a p í t u l o   u m  
a   c i d a d e







## [ i n t r o d u ç ã o ]

Salto de Pirapora é uma típica cidade pequena. daquelas cidades predominantemente de construções horizontais, com seu centro demarcado por uma igreja e uma praça, onde “tudo acontece”. Uma cidade onde “todo mundo se conhece”; onde se cria uma certa necessidade de convivência; um senso de comunidade; onde as relações sociais são marcadas pela pessoalidade.

Por um outro lado, uma cidade que não é vista com o mesmo fascínio quando comparada a grandes cidades. Muitas vezes descritas como cidades que “não vão para



Igreja Matriz São João Batista e praça central  
Fonte: Francisco Vieira Daniel

frente”, as cidades pequenas são definidas por um caráter cíclico, em contraponto às grandes cidades onde tudo parece se modificar com maior rapidez, levando a impressão de progresso (SILVA, 2000, p.17).

Lefebvre, em seu livro “A vida cotidiana do mundo moderno”, critica o fato da filosofia manter-se interessada somente em pensamentos “originais e inovadores”, enquanto deixa de lado as principais estruturas que sustentam o mundo social, o cotidiano e o senso comum. O autor ainda argumenta que “a filosofia tenta decifrar o enigma do real e logo em seguida diagnostica sua própria falta de realidade”.

Segundo Silva (2000, p.16), “não são os fatos históricos excepcionais e pontuais que determinam a instituição de valores culturais”. A autora defende que o valor cultural de um local muitas vezes se encontra na cotidianidade, na maioria das vezes

despercebida pelos sistemas acadêmicos.

A vida cotidiana pode ser percebida de diferentes formas em cada sociedade. No caso das cidades pequenas, ela é marcada pela regularidade dos fatos e tradições locais; pela temporalidade das festas, em sua maioria religiosas; e por toda sua estrutura interna de relações de convívio. Apresentam suas próprias relações sociais a partir de códigos particulares e constituem territórios específicos (SILVA, 2000, p.17), responsáveis por gerar o universo cultural no qual estão inseridos.

Werther Holzer define o território como um conjunto de lugares formados a partir de laços afetivos e de uma identidade cultural própria. Para o autor, “a territorialidade é melhor compreendida através das relações sociais e culturais que o grupo mantém com esta trama de lugares e itinerários que constituem o

seu território”. São as práticas sociais que dão significado a esses espaços.

Contudo, é importante ressaltar que, apesar de estarmos tratando de uma cidade pequena caracterizada por sua simplicidade e falta de dinamismo, existe ali uma sociedade complexa e bastante diversa, dividida em crenças, classes, tradições étnicas, posicionamentos políticos, e com visões de mundo diferentes.

A cidade não possui uma única face, e sim múltiplas e fragmentárias identidades culturais que compõem um todo. Um sistema complexo onde cada grupo social, com suas particularidades, contribui na construção de uma trama, de um território, de uma memória coletiva e de uma cultura diversa.



## [ s a l t o   d e   p i r a p o r a ]

Salto de Pirapora é um município localizado no interior do estado de São Paulo, situado na região metropolitana de Sorocaba, e a cerca de 121 km da capital paulista. Em 2021, sua população estimada era de 46.285 habitantes (IBGE<sup>1</sup>, 2021), caracterizando-se assim como uma “cidade pequena”<sup>2</sup>. No entanto, apesar de ter recebido esse título, quando levamos em conta sua extensão territorial de 280,412 km<sup>2</sup>, percebemos um território consideravelmente grande quando comparado ao número de pessoas que ali vivem, ainda que boa parte de suas terras ainda hoje não sejam ocupadas.

Ao longo de seus 117 anos, a cidade progrediu consideravelmente em relação a sua infraestrutura urbana, mas ainda hoje possui uma forte relação de dependência com Sorocaba, cidade a qual muitos moradores saltopiraporenses

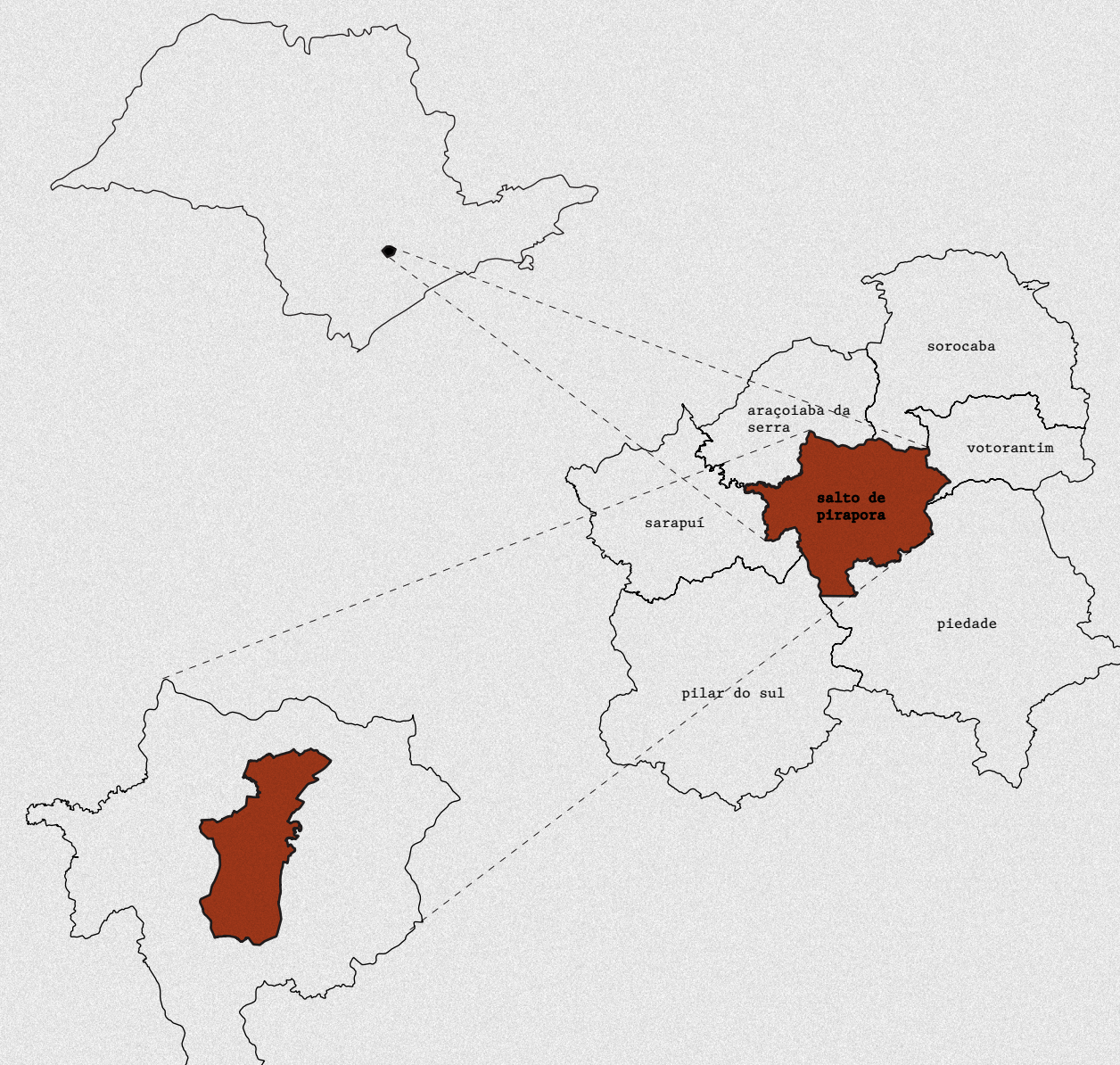
se deslocam diariamente para fins de estudos, trabalho e até mesmo alguns serviços. Além de Sorocaba, o município ainda faz divisa com outras cinco cidades: Votorantim, Piedade, Pilar do Sul, Sarapuí e Araçoiaba da Serra.

De origem tupi-guarani, Pirapora, nome do rio que perpassa o município e que deu origem ao nome da cidade, tem como significado “salto do peixe”. Salto, por sua vez, significa “cachoeira”, e remete a queda d’água presente no percurso do rio.

Uma cidade pequena, ainda em desenvolvimento, mas que apesar de sua pouca visibilidade, possui uma história e cultura muito rica, às vezes pouco valorizada, mas muito bem marcada na vida e nos corações das pessoas que ali vivem.

<sup>1</sup>Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

<sup>2</sup>Classificação atribuída pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística a aglomerados urbanos com contingente populacional de até 50 mil habitantes.





## [ h i s t ó r i a ]

Apesar do município ter recém comemorado seus 117 anos, de acordo com Baptista (2007, P.26), dizer que a cidade teve seu início em 1906 não parece correto. Em 1856 atividades como a plantação de café já ocorriam na região. Mais adiante, em 1865, as terras salto piraporenses recebem suas primeiras plantações de algodão. E finalmente em 1873, foram construídos os primeiros fornos de cal, fornos estes responsáveis por um segundo nome pelo qual a cidade por muito tempo foi reconhecida: A cidade do calcário.

Mas foi somente no dia 24 de junho de 1906 que lavradores e operários das caieiras, a comando de Antonio Maximiliano Fidélis, também conhecido como "Antonio Fogueteiro", e Felipe Lencione, rezaram a primeira prece no local e demarcaram onde seria a futura cidade.

As rezas aconteciam ao ar livre, em meio a um conjunto de casas

ainda desalinhadas que formavam a Vila Eros, ainda pertencente a Sorocaba. Fogueteiro, Lencioni e Antonio Góes carpiram o terreno exato onde hoje se encontra a Igreja Matriz da cidade, levantaram um mastro com uma bandeira de São João Batista, rezaram, e soltaram fogos.

Entre mastros e fogueiras, os trabalhadores da região festejavam São João, enquanto Fogueteiro dizia "aqui vai ser uma cidade", tornando-se alvo de chacota por parte de alguns companheiros que não acreditavam que tal profecia poderia ser concretizada.

Em 1907, um ano depois, Antonio Góes e Fogueteiro, junto a outros moradores da região, constroem a primeira capela da cidade, localizada naquele mesmo terreno carpido por eles e seus companheiros. Góes ofertou ainda uma imagem de São João Batista a nova igreja, santo este que tornou-se o padroeiro da cidade.

Em 18 de agosto de 1911, é criado o Distrito da Paz pelo Decreto Lei Estadual nº 1250, já com a denominação de Salto de Pirapora, mas ainda pertencente ao município de Sorocaba.

A emancipação chega somente em 1953, por meio de um plebisci-

to. Dos 657 eleitores presentes, 475 votaram a favor, 174 votaram contra, 4 em branco e 4 nulos. E finalmente no dia 30 de dezembro de 1953, o distrito é elevado à categoria de município, com o nome de Salto de Pirapora (MARTINS).



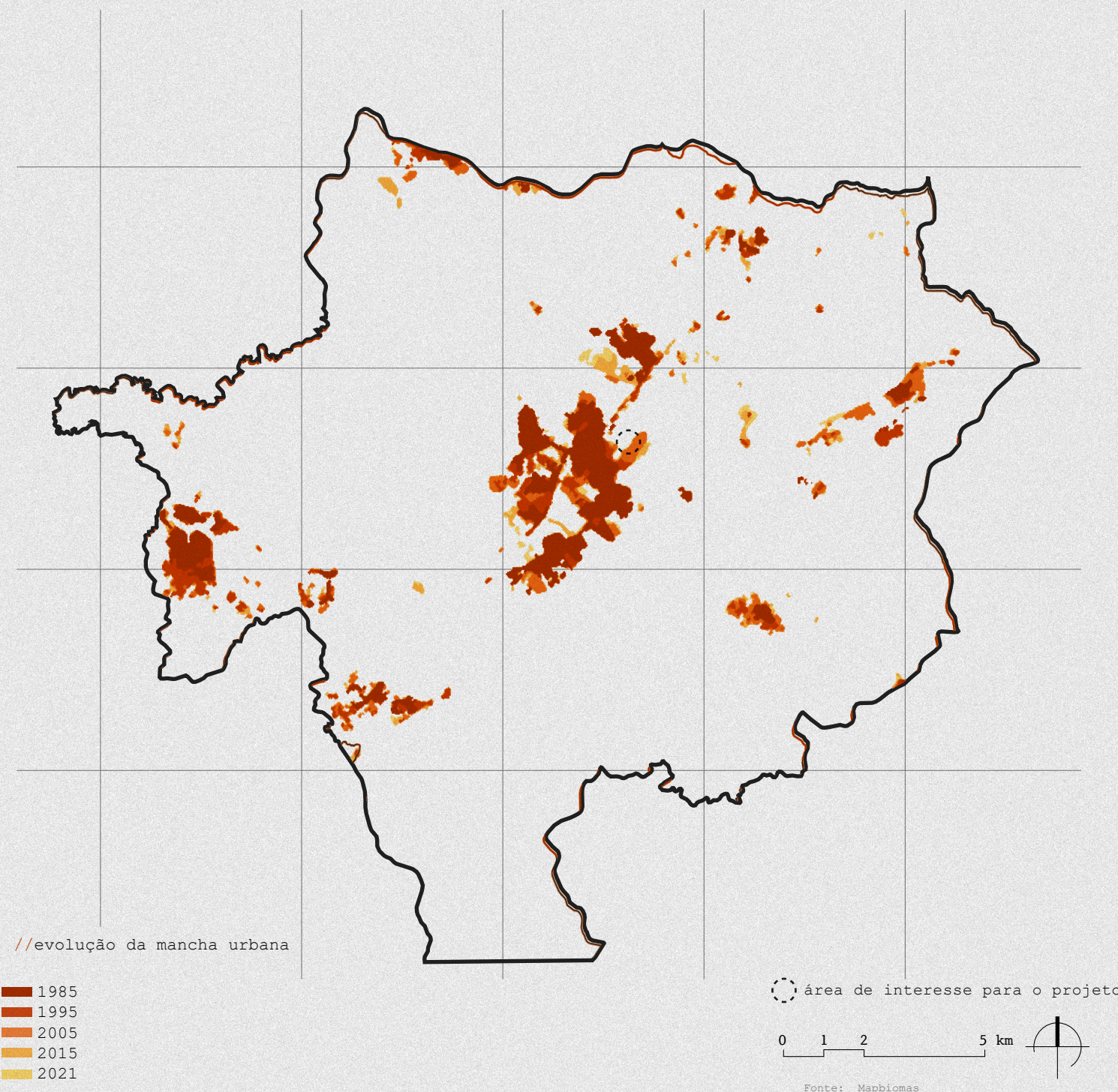
Capela de São João Batista inaugurada em 1910. Ao lado, é possível ver as paredes da atual Igreja Matriz sendo levantadas. Fonte: Jornal Liberdade, Novembro de 2005





Construção da Igreja Matriz sob a coordenação do Coronel Manoel Ferreira Leão. Projeto arquitetônico do padre e arquiteto Luiz Sicluna. Fonte: Francisco Vieira Daniel





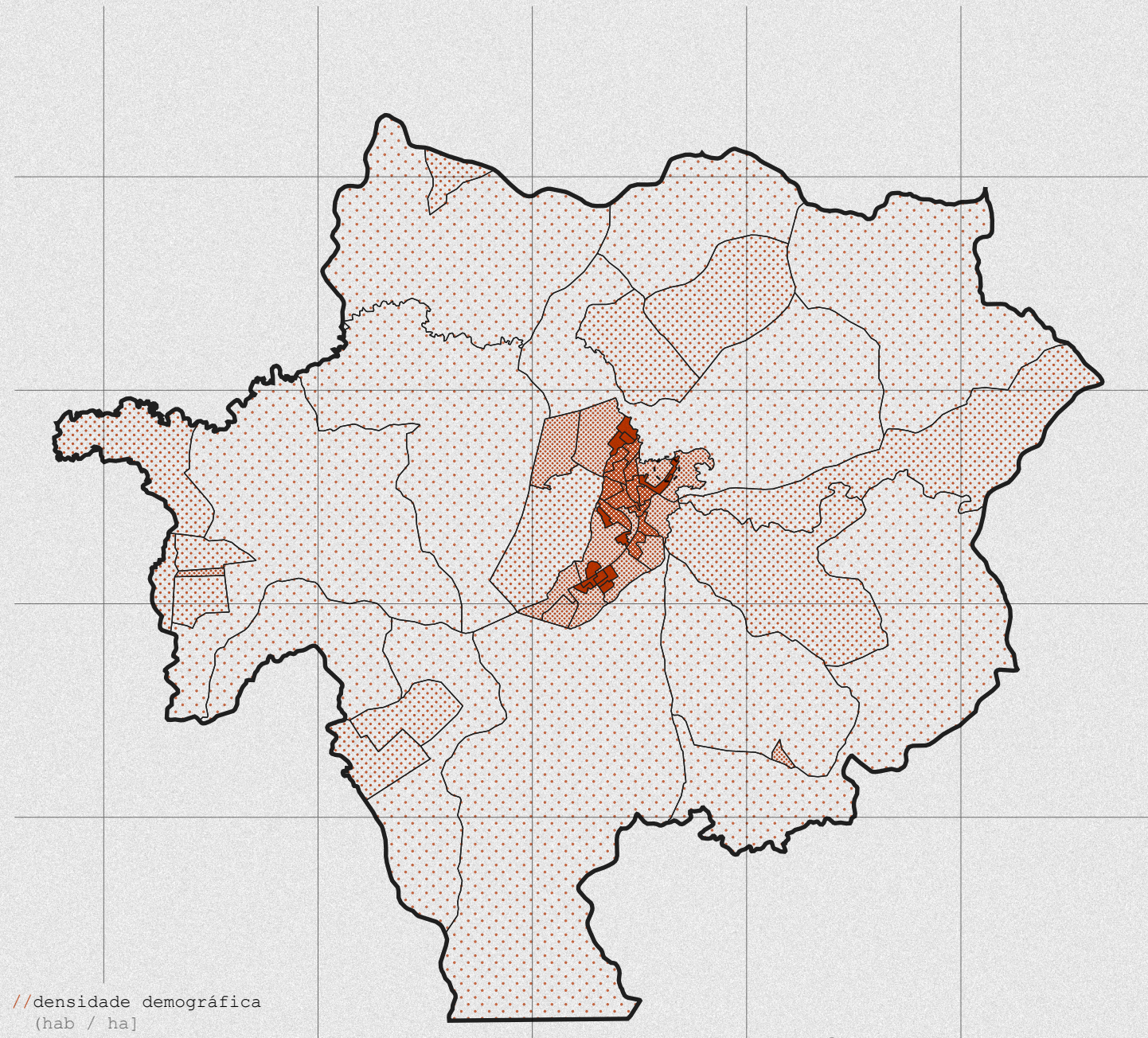
O processo de urbanização da cidade está intimamente ligado a sua história com o calcário. Os primeiros vilarejos se concentravam ao redor dos fornos de cal e das pedreiras, locais estes responsáveis por gerar emprego para grande parte da população local na época.

O centro geográfico da cidade abriga ainda hoje ruínas de dois conjuntos desses fornos, enquanto a zona leste da cidade, além de ser o local onde se encontram as pedreiras, também é responsável por conter um terceiro conjunto de fornos.

A oeste, percebe-se uma terceira concentração urbana, a qual se encontra uma comunidade quilombola de grande importância não só na cultura local mas também nacional: o Cafundó.

Percebe-se ainda outras pequenas concentrações espalhadas pelo território, estas em sua maioria caracterizadas por abrigarem condomínios, sítios e chácaras.





//densidade demográfica  
(hab / ha]

- < 1
- 1 a 5
- 5 a 30
- 30 a 75
- 75 a 200

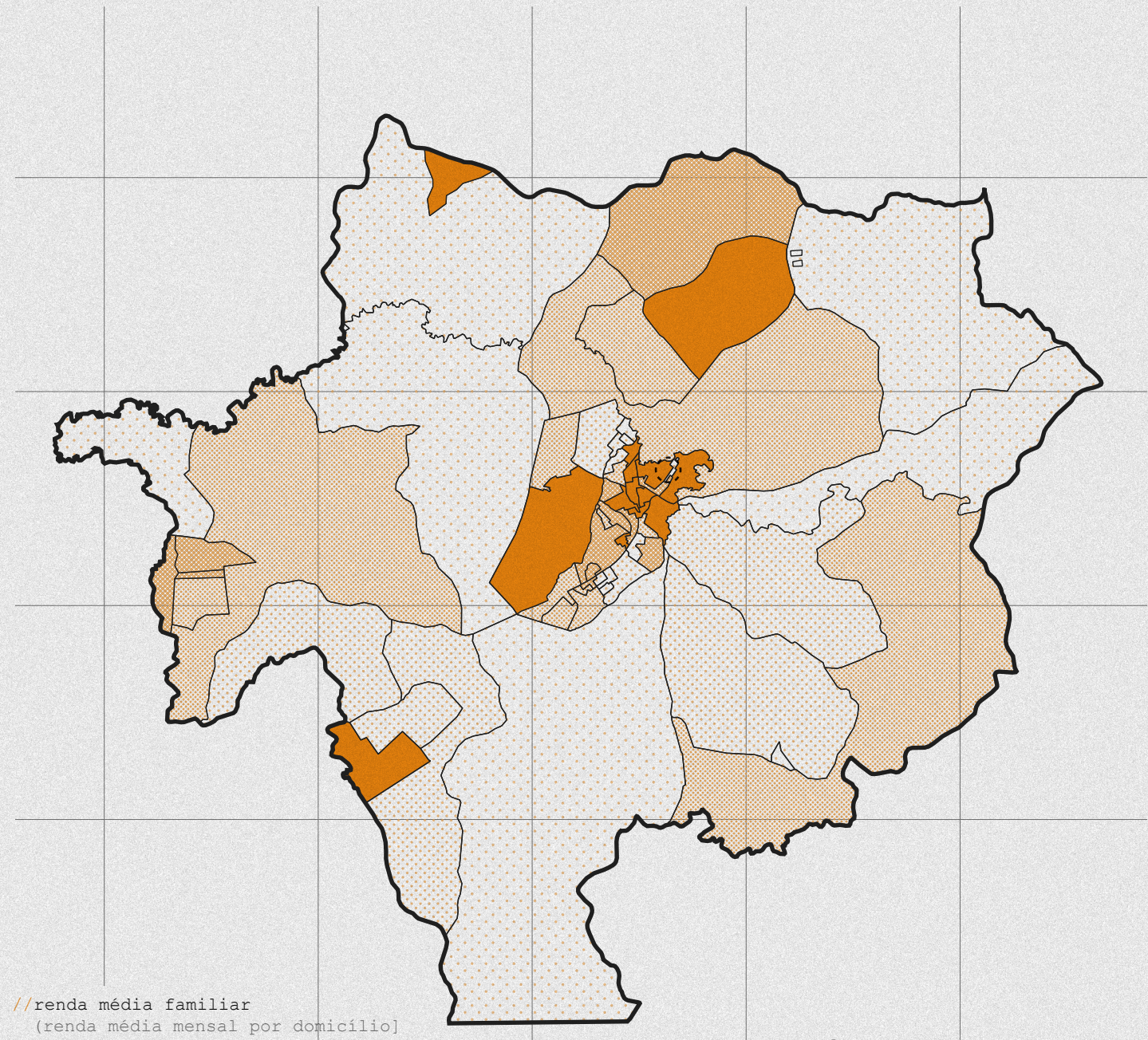
○ área de interesse para o projeto



Fonte: Bases cartográficas - IBGE 2010  
Dados - Censo IBGE 2010  
Trabalho gráfico - Carolina Melo

Ao analisarmos a distribuição espacial no território, percebemos uma concentração grande em seu centro geográfico, e outras concentrações menores nas proximidades de cidades vizinhas como é o caso de Sorocaba, Votorantim, Pilar do Sul e Piedade, cidades estas que são locais de trabalho de boa parte da população saltopiraporense.





//renda média familiar  
(renda média mensal por domicílio)

- < 850
- 850 a 946
- 946 a 1119
- 1119 a 1258
- 1258 a 2945

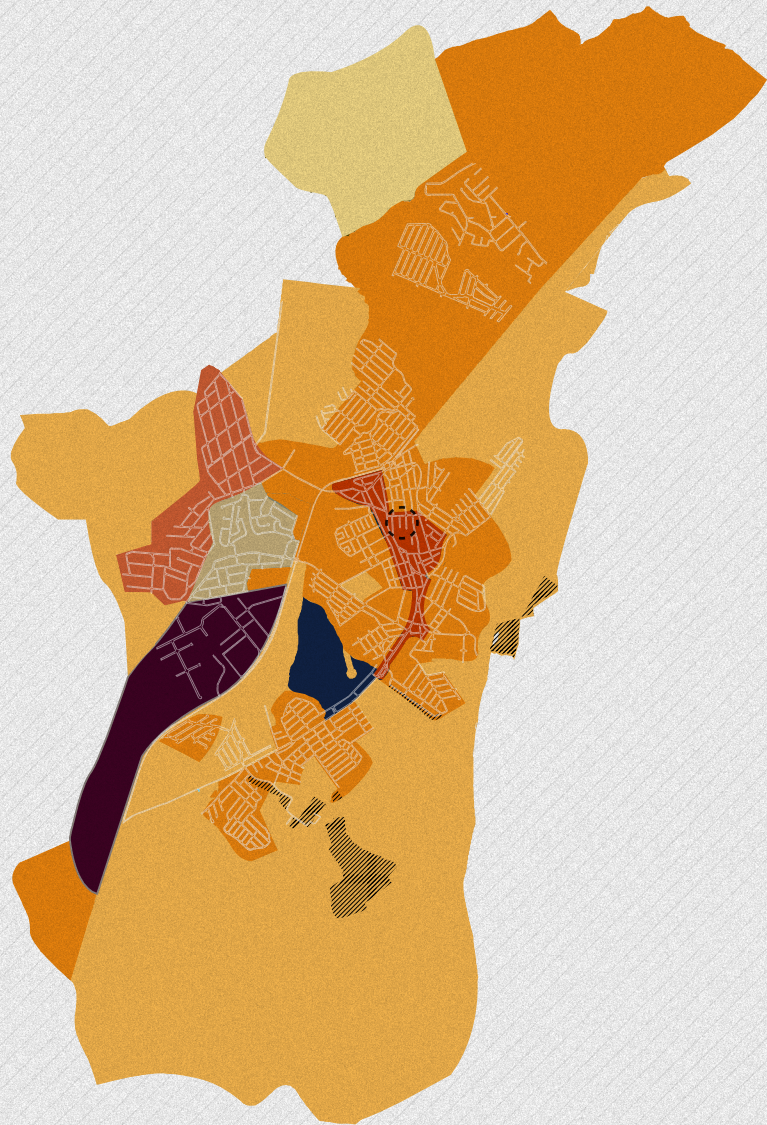
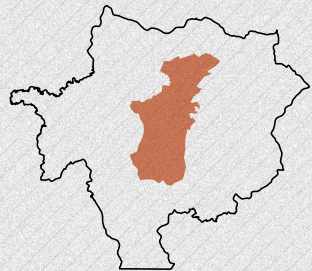
○ área de interesse para o projeto



Fonte: Bases cartográficas - IBGE 2010

O mapa de distribuição de renda na cidade muito se aproxima do mapa de densidade, mantendo a maior concentrações de renda ao centro do território e demais concentrações em áreas afastadas responsáveis por abrigar condomínios e casas de veraneio.





//zoneamento urbano

- |                                   |  |
|-----------------------------------|--|
| ZCP - Zona Comercial Principal    | ZEU-ZMD 1 - Zona de Expansão Urbana da ZMD 1   |
| ZBD - Zona de Baixa Densidade     | ZPI - Zona Predominantemente Institucional     |
| ZMD 1 - Zona de Média Densidade 1 | ZIU - Zona Industrial Urbana                   |
| ZMD 2 - Zona de Média Densidade 2 | NIC - Núcleo Irregular Consolidado             |
| ZMD 3 - Zona de Média Densidade 3 | ZEBM - Zona de Interesse Específico São Manoel |

○ área de interesse para o projeto



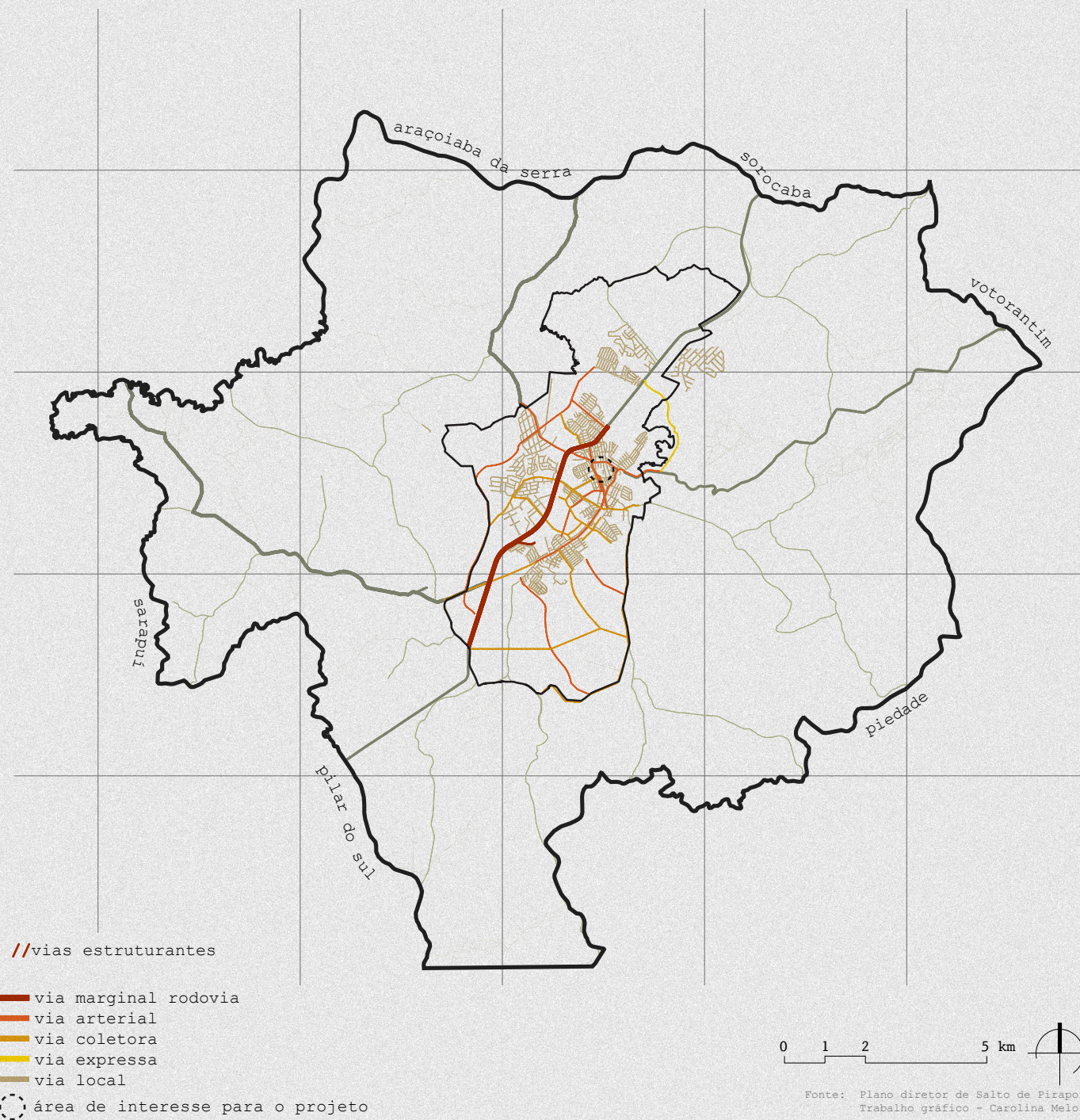
Fonte: Plano diretor de Salto de Pirapora  
Trabalho gráfico - Carolina Melo

Ao analisarmos a mancha urbana central, percebe-se um zoneamento majoritariamente de média densidade que se desenvolve ao redor de um centro comercial, mas que também se aproxima de zonas predominantemente institucionais e industriais.

A zona industrial da cidade abriga hoje empresas de grande porte majoritariamente voltadas para construção civil, mas também para outros ramos, como é o caso da Adimax, conhecida nacionalmente por conta do Instituto Maguns, local que realiza o treinamento e a formação dos cães-guias para portadores de necessidades especiais.

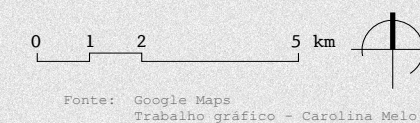
A zona caracterizada por baixa densidade se refere a um dos principais condomínios fechados locais, onde se concentra grande parte da renda da cidade.





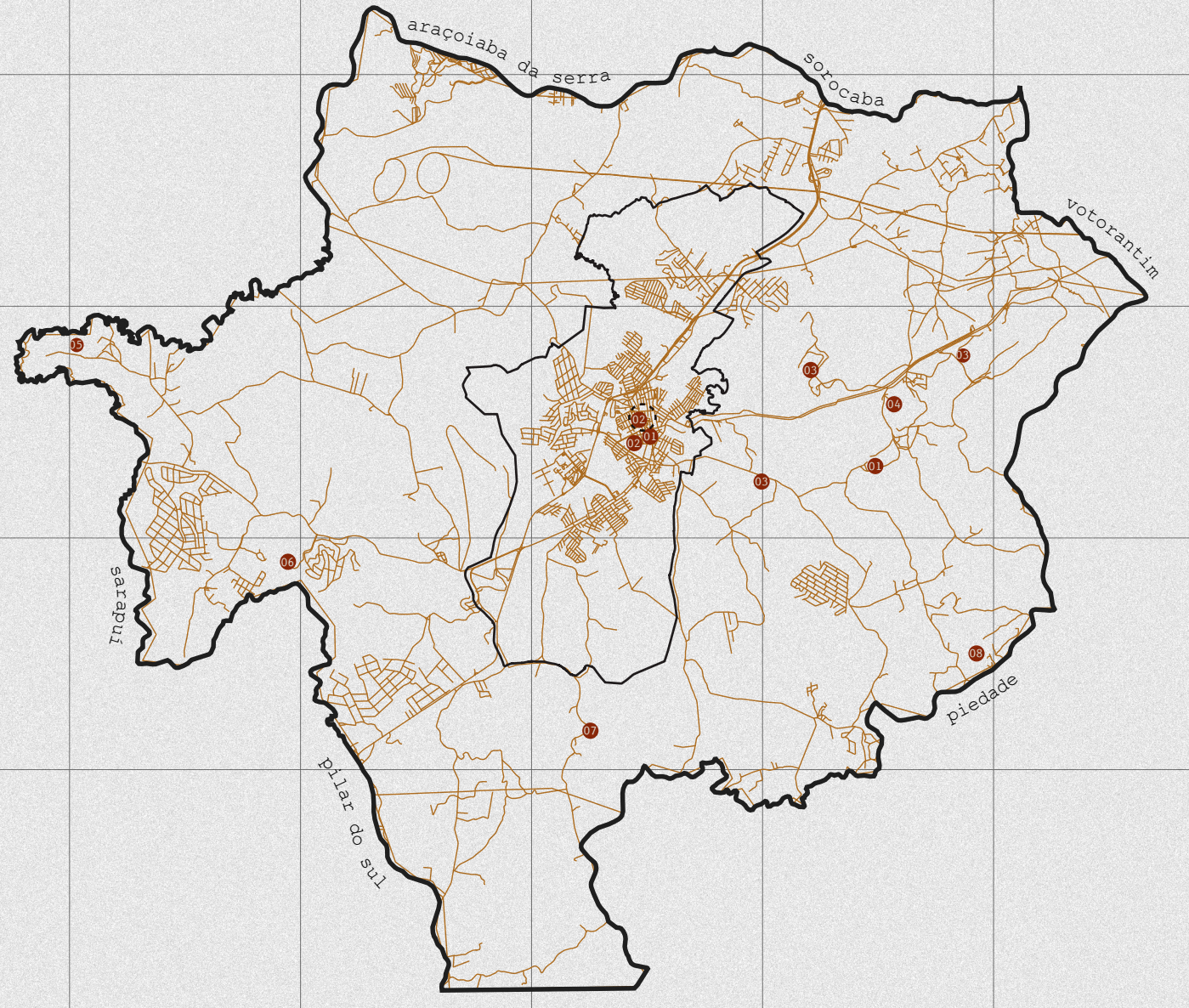
Quanto a mobilidade, a cidade carece de transportes públicos adequados, uma vez que a principal linha que atravessa a cidade é a de Salto de Pirapora x Sorocaba, o que faz com que muitas vezes os moradores tenham que pagar o valor de uma passagem interurbana para utilizar o veículo por poucos minutos para se locomover de um ponto ao outro dentro da própria cidade.

Existem ainda duas ciclovias na cidade, uma que liga a entrada da cidade até o início de Sorocaba, e outra que atravessa a avenida onde se hoje se encontra a prefeitura da cidade, mas que ainda é um bairro pouco habitado e com quase nenhum comércio ou instituição.





## [ pontos de interesse histórico ]



○ área de interesse para o projeto

0 1 2 5 km

Fonte: Plano diretor de Salto de Pirapora  
Trabalho gráfico - Carolina Melo

Apesar de seu tamanho e pouca idade quando comparada a grandes cidades, Salto de Pirapora ainda guarda traços de sua história, apesar de na maioria dos casos não possuir uma preservação adequada.

A cidade ainda hoje possui 3 ruínas de seus fornos de cal, um deles hoje completamente coberto pela vegetação local; outro ainda aparente, mas com pouco cuidado; e um terceiro localizado em um terreno privado, utilizado como depósito pessoal do morador.

A igreja, onde se deu a origem da cidade, também carece de cui-

dados. Apesar de ter mantido seu funcionamento por todos esses anos, em 2022 tornou-se imprópria para uso devido a grandes rachaduras no local, causando perigo à população.

Alguns casarões da cidade também se encontram em desuso e abandonados.

O quilombo Cafundó, por sua vez, mantém-se cada dia mais ativo, promovendo atividades culturais, festas e excursões, cultivando a cultura da comunidade local e mantendo sua memória viva na cidade.

1. igreja matriz
2. fornos de cal
3. pedreira
4. capela comunidade são roque
5. casarão dos barros
6. cafundó
7. casarão dos pires
8. cachoeira dos leite



c a p í t u l o   d o i s  
a   c u l t u r a



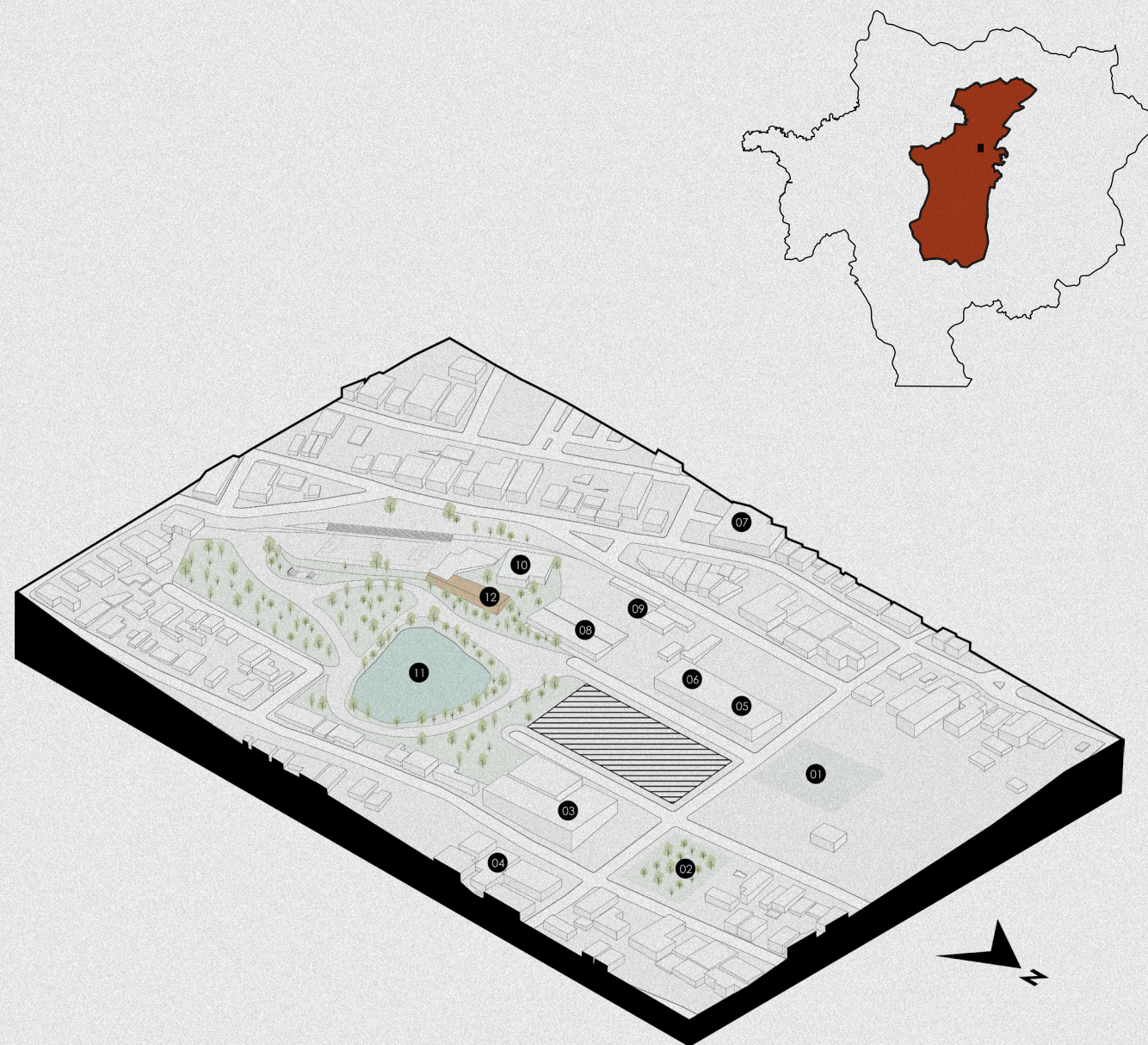
## [ u m c e n t r o c u l t u r a l ]

Apesar dessa falta de preservação da cultura local, é possível perceber uma série de espaços destinados a cultura na região central da cidade, o que gerou interesse no local como área de intervenção.

O terreno escolhido possui 100x50m de área e 4m de desnível, e se encontra como um ponto de conexão entre cultura, educação e história. Dentro de um raio de 250m, encontram-se o Estádio Municipal Jair Alves dos Santos (01); a Praça Antônio Mendes (02), pouco utilizada pelos moradores locais; a escola municipal de ensino fundamental Vereadora Celia Dias Bstista Dos Santos (03); o Espaço de Educação e Cultura José Marcello (04), um edifício o qual funcionou como uma escola por muitos anos, mas que hoje abriga a biblioteca municipal e algumas atividades culturais promovidas pela cidade; comércios locais,

como o mercado (05), a academia (06), e mais acima a rodoviária da cidade(07); a sudoeste, encontram-se dois pavilhões onde hoje funcionam um bar e dois campos de cancha de malha abertos para a praça(08); também encontram-se os edifícios do grupo de escoteiros (09) da cidade e o centro da melhor idade(10); e por último, temos a praça Rodrigo Fernandes (11), também conhecida como "calçadão", a qual conta com um lago artificial, uma quadra aberta com arquibancada, e um calçadão onde ocasionalmente ocorrem feiras.

Além disso, no interior da praça também podemos encontrar um mirante com vista ampla para a paisagem urbana local, apoiado sobre as ruínas (12) dos fornos de cal que deram origem a cidade, mas que hoje se encontram abandonadas, assim como o restante da praça.





[ a t i v i d a e s   c u l t u r a i s ]

Além dos pontos históricos listados anteriormente e dos edifícios culturais e de lazer, a vida cultural na cidade é marcada também por diversos eventos e atividades promovidas pela própria prefeitura ou por grupos locais.

Alguns dos eventos típicos da cidade são:

- Carnaval de Rua;
- Festa do Milho;
- Corrida do Dia do Trabalhador;
- Festa de Santa Cruz;
- Festa do Peão de Boiadeiro;
- Desfile de Aniversário da cidade;
- Festa das Nações;
- Festa do Padroeiro São João Batista.



As demais atividades culturais, por sua vez, ocorrem ao longo do ano todo. Em outubro de 2019 foi fundada a União de Artesãs de Salto de Pirapora (UASP), que tem como objetivo trazer de volta às atividades de artesanato em feiras e exposições. O grupo atualmente conta com 45 artesãs responsáveis por ministrar aulas de artesanato no Espaço de Educação e Cultura Professor José Marcello. Entre as atividades desenvolvidas no local encontram-se aulas de:

- Crochê
- Biscuit
- Pintura em madeira
- Pintura em tecido
- Pintura em tela
- Produção de mel artesanal, licores, pães, doces e bombons<sup>3</sup>.

Atualmente o local também promove aulas de:

- Dança para a melhor idade
- Balé
- Jazz
- Jazz funk
- Dança cigana
- Teoria musical
- Violão
- Pilates
- Yoga
- Ginástica rítmica
- Capoeira
- Skate
- Xadrez
- Dança do ventre
- Teatro
- Arte circense
- Fitdance
- Ritmos
- Dança Gaúcha

<sup>3</sup>Dados retirados do documento Inventário da Oferta Turística de Salto de Pirapora, 2021, p.112.



## [ Espaço de Educação e Cultural José Marcello ]

Apesar da cidade promover tantos eventos e atividades voltadas para a comunidade, a carência de um espaço adequado para a realização das mesmas é algo que prejudica seu desenvolvimento. O Espaço de Educação e Cultura Professor José Marcello, onde hoje abriga todas as aulas citadas anteriormente, foi construído inicialmente como um edifício escolar, e concebido a partir de um programa completamente diferente do que possui hoje. De acordo com entrevista realizada com funcionários que trabalham no edifício, o local hoje não contempla de forma eficiente as demandas que possui.

Além das aulas, o espaço também abriga a biblioteca municipal, que hoje tem um fluxo muito reduzido, já que, de acordo com os bibliotecários, os moradores não sabem que ela está lá, pois ainda acreditam que o local seja uma escola. Além disso, a bi-

blioteca é dividida em salas, dificultando os fluxos internos, principalmente ao consideramos que para atravessarmos de uma sala a outra é necessário passar por uma área descoberta, o que causa grandes problemas em dias de chuva, por exemplo.

As demais salas possuem estruturas semelhantes, e para alguns casos, contemplam o programa de aula proposto. Mas esse não é o caso das aulas de música em geral, que hoje contam com salas que não possuem um desempenho acústico adequado; ou para aulas de danças com turmas maiores, como é o caso da turma de dança para a melhor idade que hoje conta com mais de 30 alunos e precisam realizar a aula no antigo pátio da escola, o que promove ruídos em todas as demais salas, prejudicando ambientes de leitura da biblioteca e outras aulas que possam vir a ocorrer no mesmo horário.





## [ p r a ç a   c a l ç a d ã o ]

A praça Rodrigo Fernandes, popularmente conhecida como praça do calçadão, é um dos pontos mais importantes da cidade. A presença das ruínas dos fornos de cal apresenta o contexto histórico no qual a cidade nasceu. As caieiras ainda hoje possuem um significado afetivo forte para boa parte dos saltopiraporenses, uma vez que este era o local onde muitas das famílias mais antigas da cidade conseguiam seu sustento. Em um outro período, o local passa a ser utilizado como praça pública. Um lago artificial foi adicionado, uma pista de caminhada e uma pista de skate também foram construídas, além de uma quadra aberta com arquibancada. Também haviam pequenas casas coloridas e um parquinho para as crianças brincarem, mas que assim como o deck que havia sido construído no lago e os pedálinhos, hoje não existem mais. Os fornos tornaram-se ruínas, e hoje servem de suporte para um mirante.

Além da praça do lago, o ponto mais alto do terreno conta com uma praça seca, popularmente chamada de "calçadão". O local conta com algumas árvores, duas fontes inativas, bancos, e esporadicamente recebe tendas e barracas quando são realizadas feiras. Ainda no mesmo quarteirão, alinhado ao nível do calçadão, estão localizados dois edifícios, de certa forma integrados com o restante da praça: o Centro da Melhor Idade, e o prédio do grupo de escoteiro Salto do Peixe.

Ao decorrer dos anos esse espaço foi destinado a diversos eventos públicos da cidade, como por exemplo festas juninas escolares, as quais utilizavam da quadra aberta para a realização de suas quadrilhas; Dia do desafio, onde as escolas locais levavam os alunos realizar atividades com alunos de demais escolas, promovendo uma maior integração; campeonatos de skate; corridas de carrinhos de controle remoto;

encontros diversos; apresentações de dança e música; missa em celebração a Corpus Christi, onde ainda hoje existe a tradição da construção coletiva do tapete da entrada da Igreja Matriz até a praça; entre muitos

outros eventos que já passaram pelo local.

Muitas dessas atividades hoje já não ocorrem mais no local, mas ainda mantém-se na memória afetiva dos moradores.



Casinhas construídas na praça para crianças brincarem. Fonte: Grupo "como era Salto de Pirapora nas antigas".



Evento de capoeira realizado na quadra do calçadão. Fonte: Grupo "como era Salto de Pirapora nas antigas".



## [ p r a ç a   c a l ç a d ã o ]

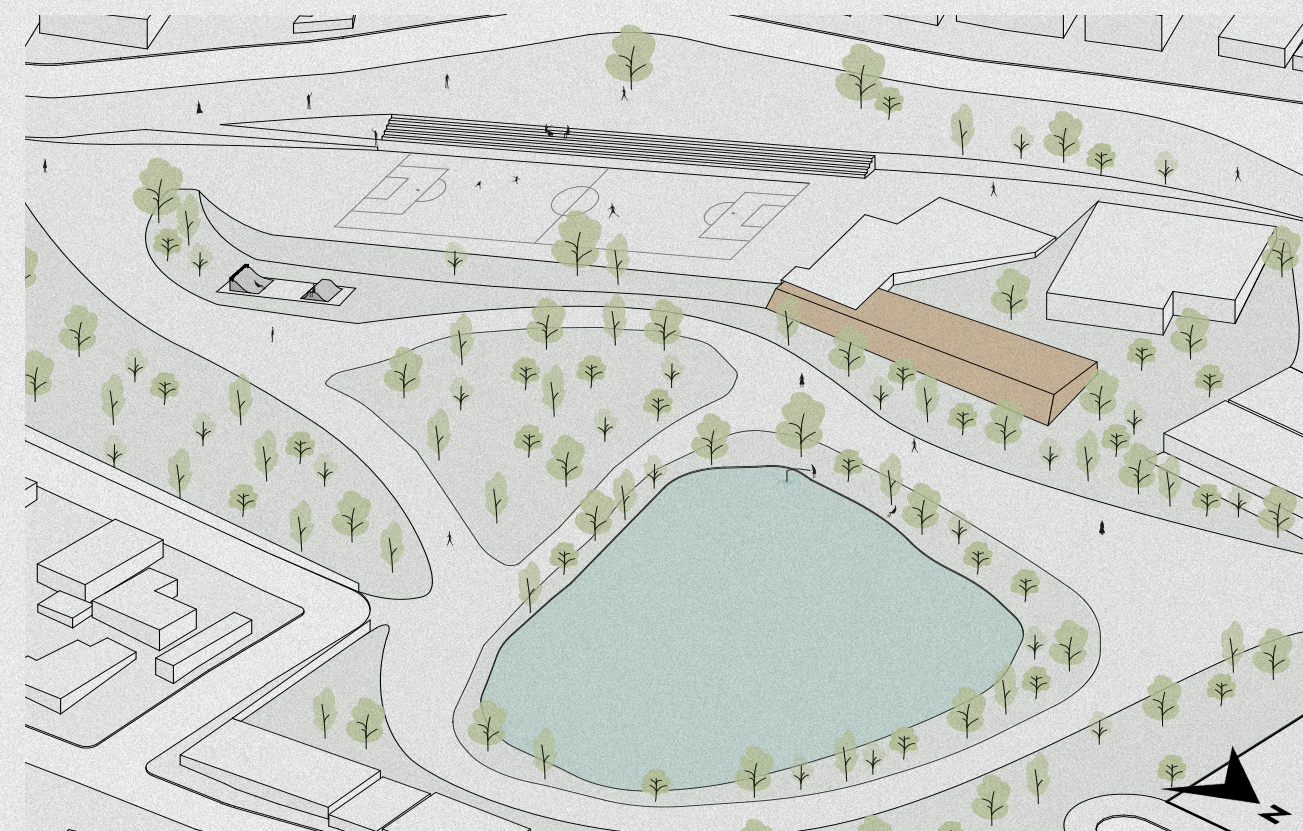
Ao longo dos anos, os terrenos ao redor da praça foram aos poucos sendo ocupados. Algumas décadas atrás, os quarteirões onde hoje se encontram o mercado e a escola eram vazios, dando maior visibilidade para a praça e garantindo melhor acesso. Atualmente, a praça se encontra de certa forma enclausurada, sem contato direto com a rua, a não ser por finais de ruas sem saída e pouco movimentadas. Nesse sentido, o local está sendo cada vez menos utilizado, sendo considerado perigoso por parte dos moradores e até mesmo abandonado. As árvores não recebem podas há muito tempo, tornando o local escuro, além de bloquear completamente a vista do mirante e das ruínas dos fornos. Os pavimentos não recebem cuidados

há tempos também, assim como a quadra aberta, que tem sua pintura quase completamente gasta.

As ruas ao sul do lago são muradas no limite do terreno que envolve a praça, restando apenas um pequeno acesso pouco utilizado, e bloqueando a vista da paisagem dos moradores.

A leste, a divisa da praça se dá por meio de um muro formado por fundos de lotes. A norte, seu único acesso se dá pela rua do mercado, mas que hoje é pouco movimentada, já que também é uma rua sem saída.

Já a rua da escola, também sem saída, possui um desnível considerável em relação ao nível da praça, dificultando seu acesso.



Praça Rodrigo Fernandes "Calçadão"  
Modelagem feita no Revit - Carolina Melo





Lago do calçadão em 2008, quando ainda recebia alguns cuidados





Ruínas dos fornos de cal do calçadão em 2008, quando ainda recebia alguns cuidados





Ruínas dos fornos de cal do calçadão em 2023. A esquerda é possível ver o mirante.





Quadra e arquibancada da praça vistas a partir do mirante. Ao fundo é possível ver o Calçadão.



## [ f o r n o s   d e   c a l ]

As ruínas fornos de cal, que deram origem a cidade, ainda hoje podem ser vistas na cidade. Conhecida como cidade do calcário, Salto de Pirapora recebe este título devido a extração do minério realizada no local onde hoje se encontra o município a partir dos anos 1873, quando foi construído o primeiro forno. Nessa época, o vilarejo que deu origem a cidade vivia do calcário, e contava com várias empresas que exploravam esta atividade,

como a Cal São Pedro (Anibal de Góes), a Indústria Reunida Francisco Matarazzo, a Cosipa, a Fábrica Santa Rita entre outras. Atualmente ainda existem algumas indústrias instaladas no município desenvolvendo esta atividade, como o Grupo Votorantim, Celmarthe, UPL e Café Paulista do Brasil (Inventário da Oferta Turística de Salto de Pirapora, 2021, p.103).





## [ p e d r e i r a ]

A pedreira localizada na cidade tornou-se uma atração turística popular devido aos seus lagos profundos e paisagem encantadora. O lago surgiu com o alagamento de uma área de mineração de calcário presente na cidade quando máquinas de extração atingiram o lençol freático. Com uma visibilidade de até 12 metros, o local atraiu visitantes que buscavam o local para apreciar a sua beleza, saltar das

suas pedras e até mesmo praticar mergulho autônomo. No entanto, em 2020, devido à estiagem e ao bombeamento de água para abastecimento de cidades vizinhas, o nível do lago diminuiu, revelando vários veículos submersos. Atualmente, o acesso e o mergulho no local não são permitidos devido à propriedade privada da empresa Votoran. No entanto, muitos visitantes ainda vão para apreciar a vista impressionante





## [ q u i l o m b o   c a f u n d ó ]

Localizada na zona rural de Salto de Pirapora, a 12km do centro urbano, a Comunidade Quilombola do Cafundó existe há pelo menos 135 anos, quando o casal Joaquim Congo e Ricarda herdaram as terras após serem libertos da escravidão. A comunidade lutou historicamente pela preservação de suas terras e obteve reconhecimento e regularização em 2012.

Em 1978, a comunidade se tornou parte da cultura de resistência negra ao se juntar ao Movimento Negro Unificado (MNU. Como ato de resistência, os habitantes utilizam um dialeto próprio denominado Cupopia, derivado do léxico banto, para reforçar a existência ou existência passada de certos elementos culturais africanos no Brasil. Isso representa uma forma de preservar suas origens e construir criticamente sua identidade cultural (AGOSTINHO, p.4).

Atualmente, a comunidade recebe visitantes mediante agendamento prévio e oferece atividades turísticas para preservar sua história e cultura, incluindo oficinas de artesanato e visitas guiadas, além de promover anualmente a Festa de Santa Cruz, muito apreciada pelos moradores da cidade.

A comunidade é autossustentável, com a venda de produtos agrícolas como principal fonte de renda. O turismo é visto como uma forma de aumentar a receita e preservar a história da comunidade.





## [ q u e s t i o n á r i o ]

A fim de compreender melhor a cidade a partir de uma leitura ampla sobre o território, foi desenvolvido para fins de pesquisa um questionário online destinado aos moradores de Salto de Pirapora, questionando-os acerca dos pontos históricos que consideram relevantes na cidade, eventos nos quais costumam participar, atividades culturais que desenvolvem, memórias afetivas e opiniões gerais sobre as mudanças ocorridas na cidade nas últimas décadas.

A partir da análise das respostas obtidas, é possível traçar uma relação clara entre as memórias, os pontos de interesse histórico relevantes e os eventos promovidos pela cidade. Entre os locais mais citados, destacam-se as ruínas dos fornos de cal, a Igreja Matriz, o Cafundó, e a praça do Rodrigo Fernandes, também conhecida como "Calçadão".

Em relação a espaços públicos, a maioria das respostas apontaram uma carência de espaços como teatro, museu, biblioteca e parques. Atualmente a cidade conta com uma biblioteca pequena, um museu desconhecido pela maior parte da população e que hoje se encontra inativo, e nenhum ambiente adequado para a apresentação das artes do corpo, como teatro, dança, música, etc., ainda que seja uma demanda alta considerando a quantidade de aulas relacionadas à essas áreas que a cidade promove.

Em relação a parques e praças, atualmente a praça da Igreja Matriz tem sido uma das poucas praças ainda utilizadas para fins de eventos e pontos de encontro. Outra praça importante na cidade é a "Praça da Fonte", um local comum de encontro principalmente entre jovens, onde conta com comércios e lanchonetes ao seu redor.

Contudo, ambos locais não possuem um espaço grande para a realização de eventos maiores, ou atividades como caminhada, ciclismo, etc. A praça do calçadão, por sua vez, possui uma área útil extensa, mas pouco utilizada. De acordo com algumas das respostas obtidas por meio do questionário, a praça atualmente está com um aspecto de abandono, é pouco aproveitada, e carece de cuidados básicos, como iluminação adequada, o que de acordo com algumas pessoas acaba por gerar receio de andar só pelo local. As respostas ainda apontam que o local deveria ser revitalizado, garantindo maior segurança, e promovendo mais eventos no local.



## [ e s p a ç o s   p a r t i c i p a t i v o s ]

Após analisarmos os pontos de interesse histórico e cultural da cidade, se faz nítido o papel da comunidade no processo de valorização da cultura e o reconhecimento da história local, como é o caso das atividades promovidas pelo quilombo Cafundó e pela Igreja Matriz da cidade, que ainda hoje possuem um papel ativo e atraem grande público, enquanto outros pontos históricos locais não possuem essa relação com a comunidade e hoje se encontram completamente abandonados. Nesse sentido, a construção de ambientes participativos, construído pela e para a comunidade, dá a oportunidade de criar novas relações entre moradores locais, de modo a valorizar a cultura e história local.

Um exemplo disso são os museus comunitários, que nada mais são do que uma manifestação contemporânea da valorização da tradição de um local ou grupo. A tomada consciente do processo

identitário ganha destaque nesse contexto, desafiando o modelo hegemônico e “tradicional” de museu, que ainda é frequentemente associado àquele criado na França no século XIX.

Para romper com essa ideia de museu “tradicional”, é necessário considerar as discussões em torno da nova definição de museu proposta pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM), bem como temas como o dia do museu e as declarações de Santiago do Chile e Quebec. Esses novos modelos de museu estão fundamentados em uma nova museologia, que reconhece não uma única identidade nacional, mas sim múltiplas e fragmentárias identidades presentes em uma sociedade.

Enquanto os museus tradicionais muitas vezes privilegiam determinados segmentos da sociedade em suas coleções e acervos, os museus comunitários buscam transmitir uma imagem diferente, oferecendo perspectivas.

Esses museus e espaços expositivos em geral buscam contextualizar as exposições, promovendo uma reflexão crítica sobre os aspectos culturais, econômicos e políticos locais. Dessa forma, criam um ambiente tensionador, que promove debates e questionamentos, em vez de um ambiente passivo muitas vezes atrelado a uma memória unificadora, que oculta os conflitos sociais e ofusca a realidade.

Nesses locais, é a própria comunidade que decide o que e por que preservar, quais atividades ocorrem, etc. Ao criar instituições culturais acessíveis à população, abre-se uma oportunidade para incentivar o público a se envolver com a cultura e promover a valorização cultural e social. São locais repletos de criatividade e inovação, onde o passado é discutido para melhor esclarecer o presente e o futuro. É um patrimônio cultural que pertence à população, e sua existência é justificada pela co-

munidade que o cerca.

Além disso, os museus comunitários têm um papel fundamental na democratização do conhecimento, entendendo o público não apenas como mero espectador. A comunidade se torna parte do acervo do museu, contribuindo com sua história e narrativa. É importante lembrar as palavras de Paulo Freire, que afirmou que verdadeiramente aprendemos quando nos apropriamos do conhecimento, transformando-o e aplicando-o em situações concretas.

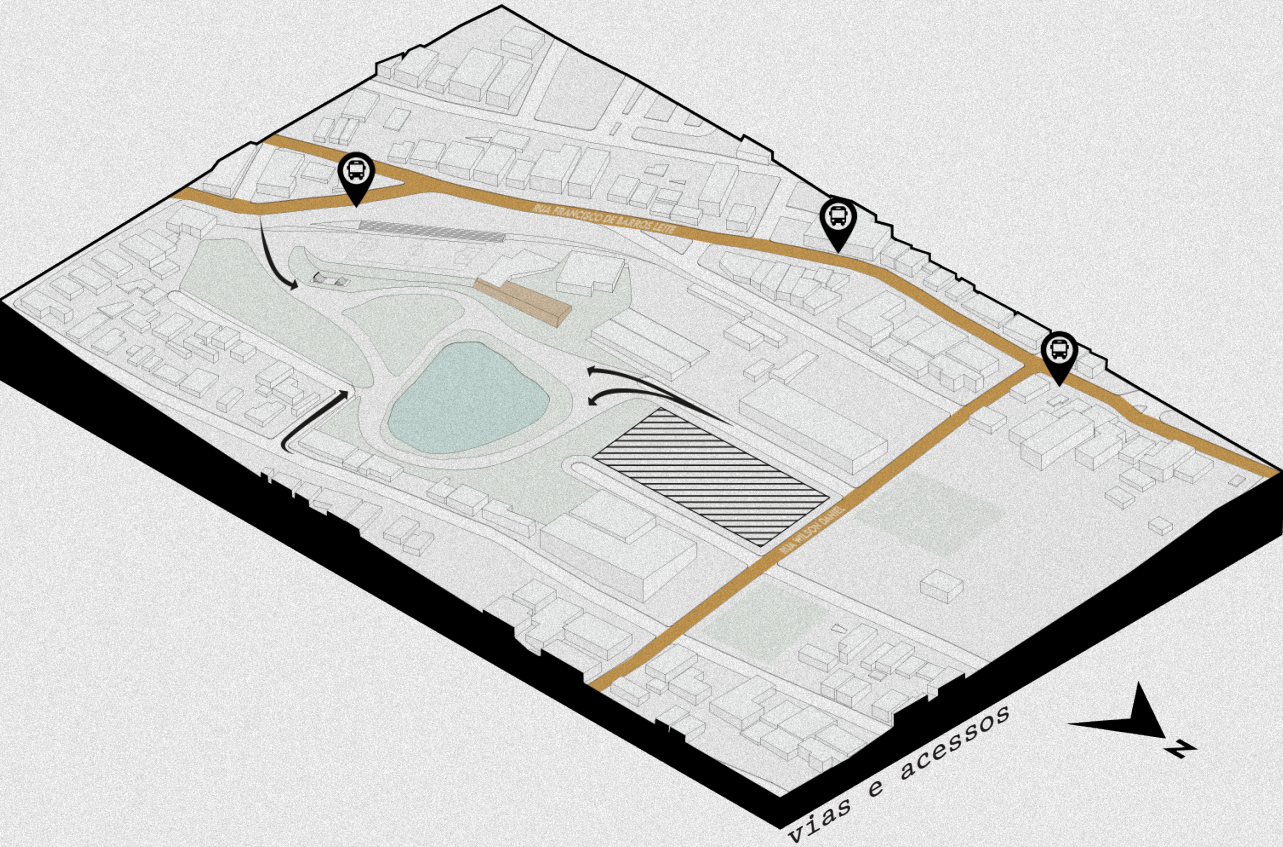
Em resumo, ambientes colaborativos como o museu comunitário, são ferramentas poderosas para valorizar a tradição, transmitir valores, problematizar questões culturais e sociais, e reconhecer e respeitar a diversidade de identidades, permitindo que a comunidade se aproprie do patrimônio cultural e se envolva ativamente na preservação e interpretação de sua história.



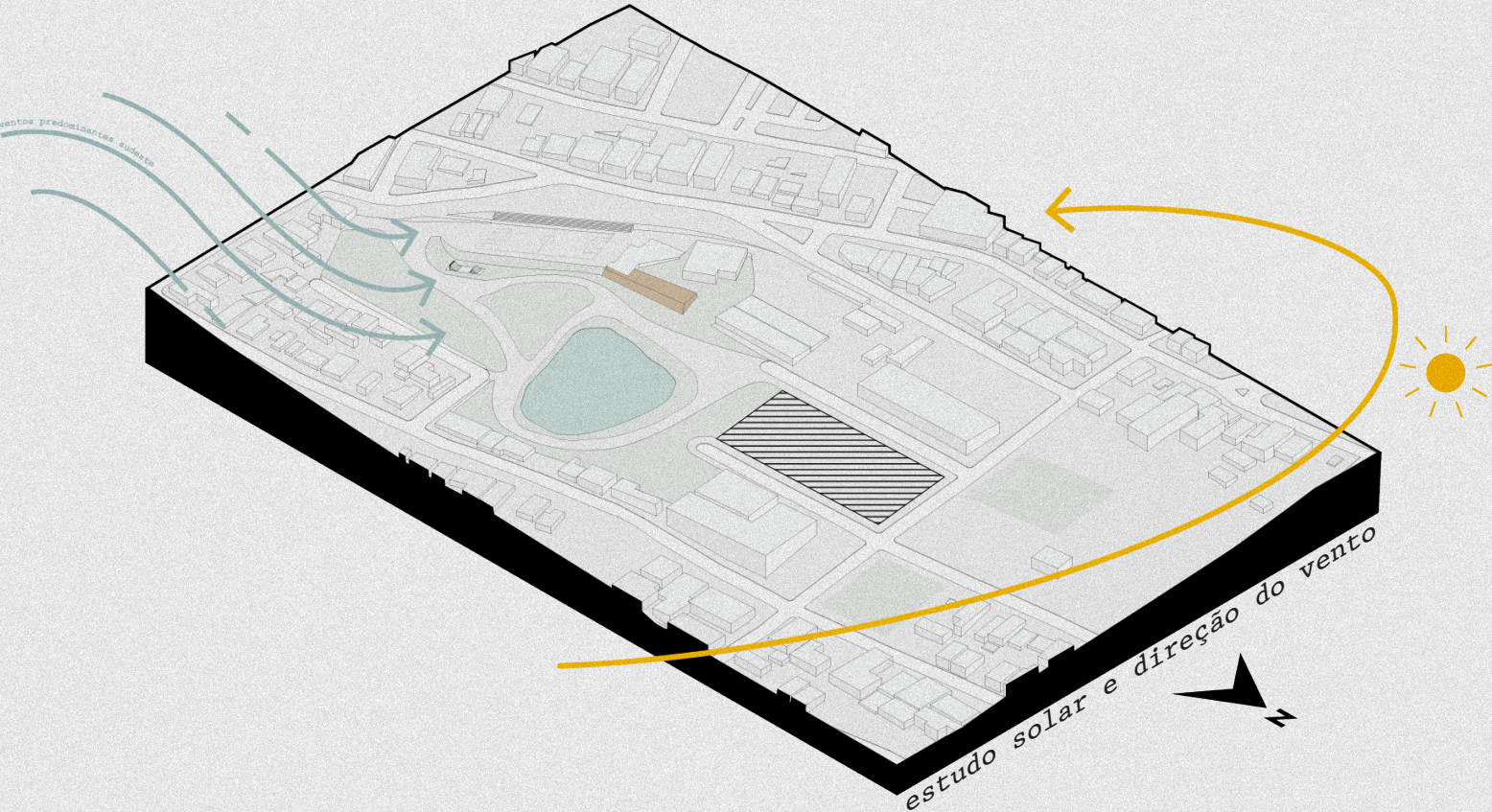
c a p í t u l o   t r ê s  
o   p r o j e t o



[ terreno e entorno ]



- terreno
- via arterial
- pontos de ônibus
- acessos à praça





## [ p a r t i d o ]

O Projeto trata de um Centro Cultural Comunitário para a cidade de Salto de Pirapora, e visa estabelecer novas relações entre os espaços culturais da cidade e a história local.

Com objetivo de trazer os olhares da população para a praça do calçadão novamente e junto a isso resgatar as memórias dos eventos locais e das caieiras que deram origem a cidade, o projeto propõe o nivelamento do terreno com o nível da praça, atualmente conectados apenas pelo nível da rua mais alta. Junto a isto, propões-se uma cobertura robusta que emoldura a paisagem formada pelo lago, árvores e as caieiras, remetendo a história local. Essa extensão se dá a partir de uma praça localizada logo acima de parte do edifício.

Apesar de localizada um nível acima da maior parte do programa do edifício, a praça se conecta com atividades internas a ele por meio de rasgos na laje

localizados logo acima do auditório e de um rebaixo no térreo onde pode ser utilizado como palco para apresentações pequenas. Assim, os níveis passam a se integrar e permitem platéias a partir de pontos de observação distintos.

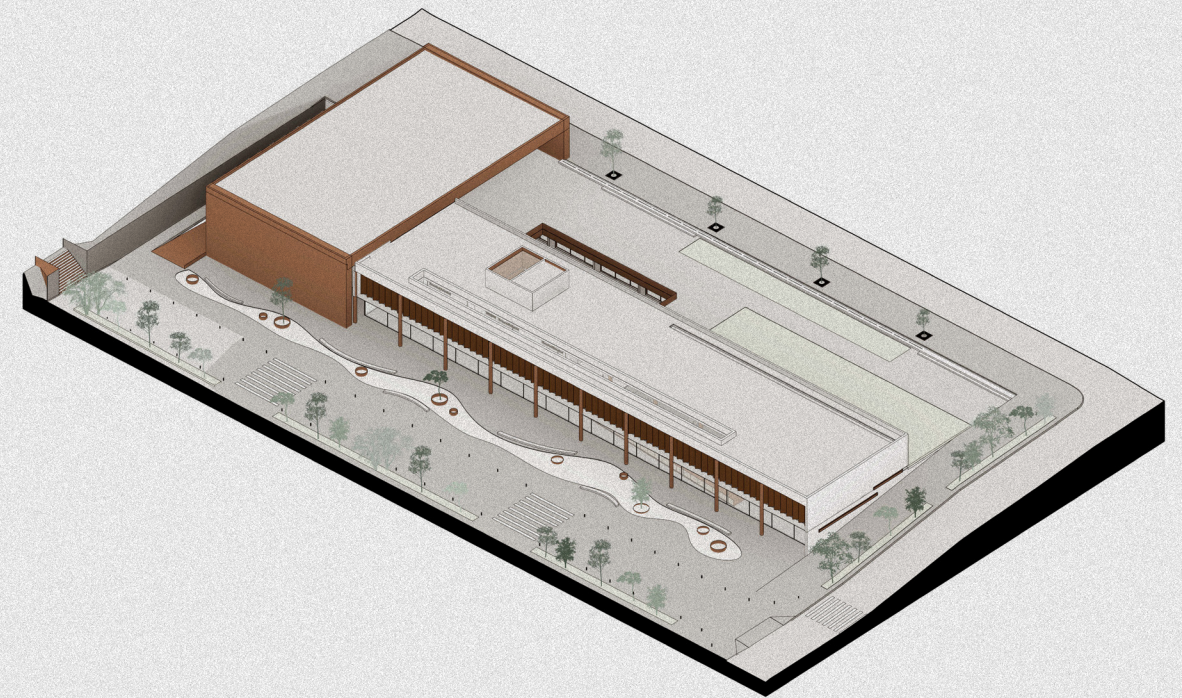
Ainda no nível da praça, temos um espaço dedicado a exposições comunitárias, de modo que a comunidade possa contribuir e apropriar-se do espaço, a partir de trocas e tensionamentos que permitem também múltiplas percepções sobre um mesmo ponto, e que juntas criam narrativas únicas que mantêm viva a memória da cidade.

No nível abaixo, encontram-se as demais atividades propostas pelo programa: biblioteca, auditório, administração, café e salas de aulas. O espaço é pensado de modo a permitir múltiplos usos e interações, desde paredes que se abrem e juntam duas salas até mobiliários que servem como ex-

positores ou como bancos, a depender da necessidade.

O projeto também contempla no nível inferior uma rua compartilhada, a qual hoje divide com a escola. O compartilhamento da via entre veículos e pedestres visa a apropriação desse espaço como um espaço também de estar.

Nesse sentido, o projeto também apresenta como diretriz o fechamento total da rua apenas para pedestres aos finais de semana, de modo a tornar-se um espaço de eventos culturais como feiras e apresentações





[ p r o g r a m a ]

**espaço  
expositivo**

sala de exposição  
reserva técnica  
escritório  
arquivo

**auditório**

capacidade para  
cerca de 250  
pessoas  
palco para  
apresentações e  
palestras  
sala de áudio e  
vídeo  
camarim  
WC

**salas de  
aula**

1 salas pilates e  
yoga  
2 salas de dança e  
teatro  
2 salas de música  
2 salas de  
artesanato

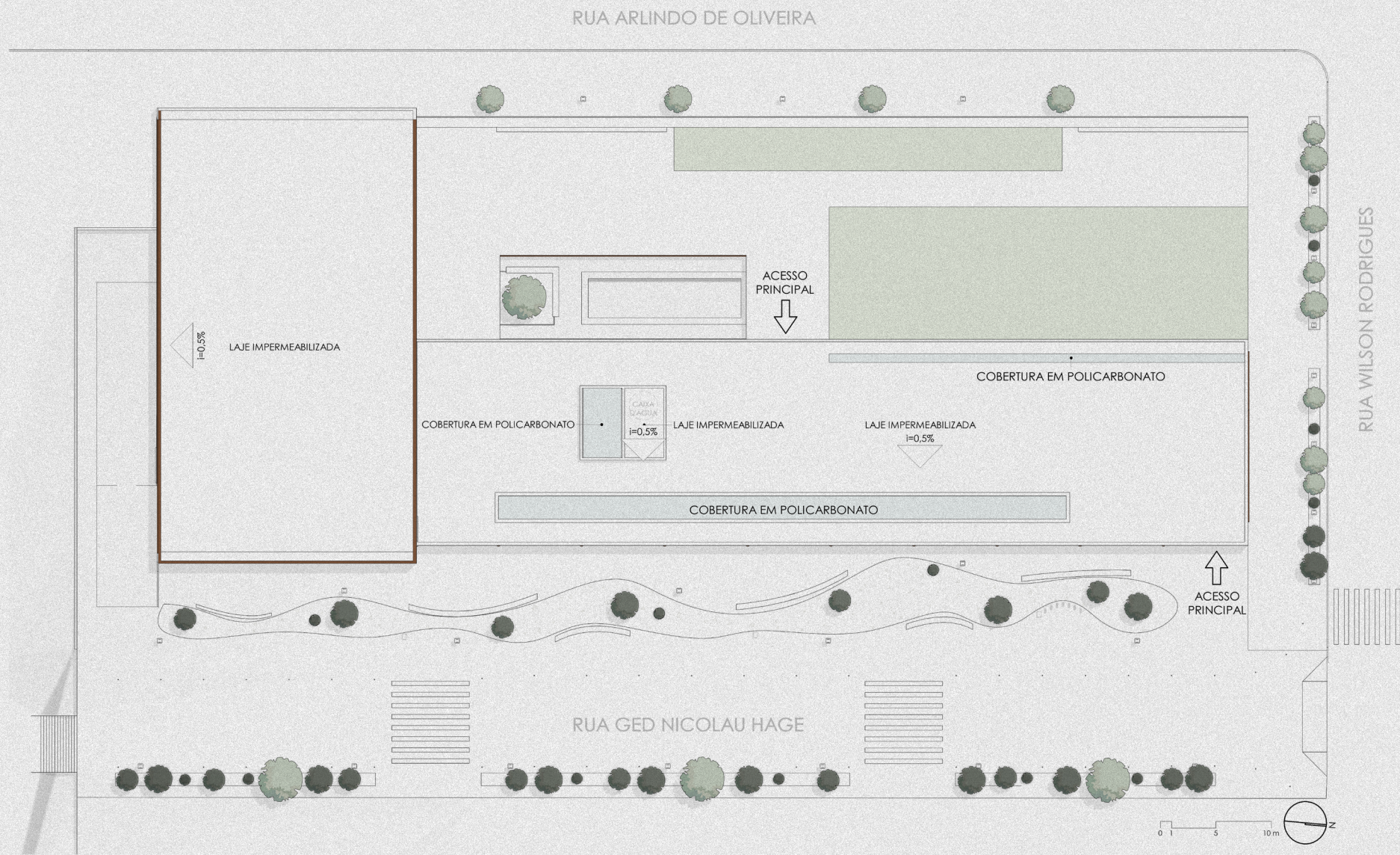
**biblioteca**

área de recepção  
área de leitura  
área de estudos em  
grupo  
área infantil  
área de  
armazenamento

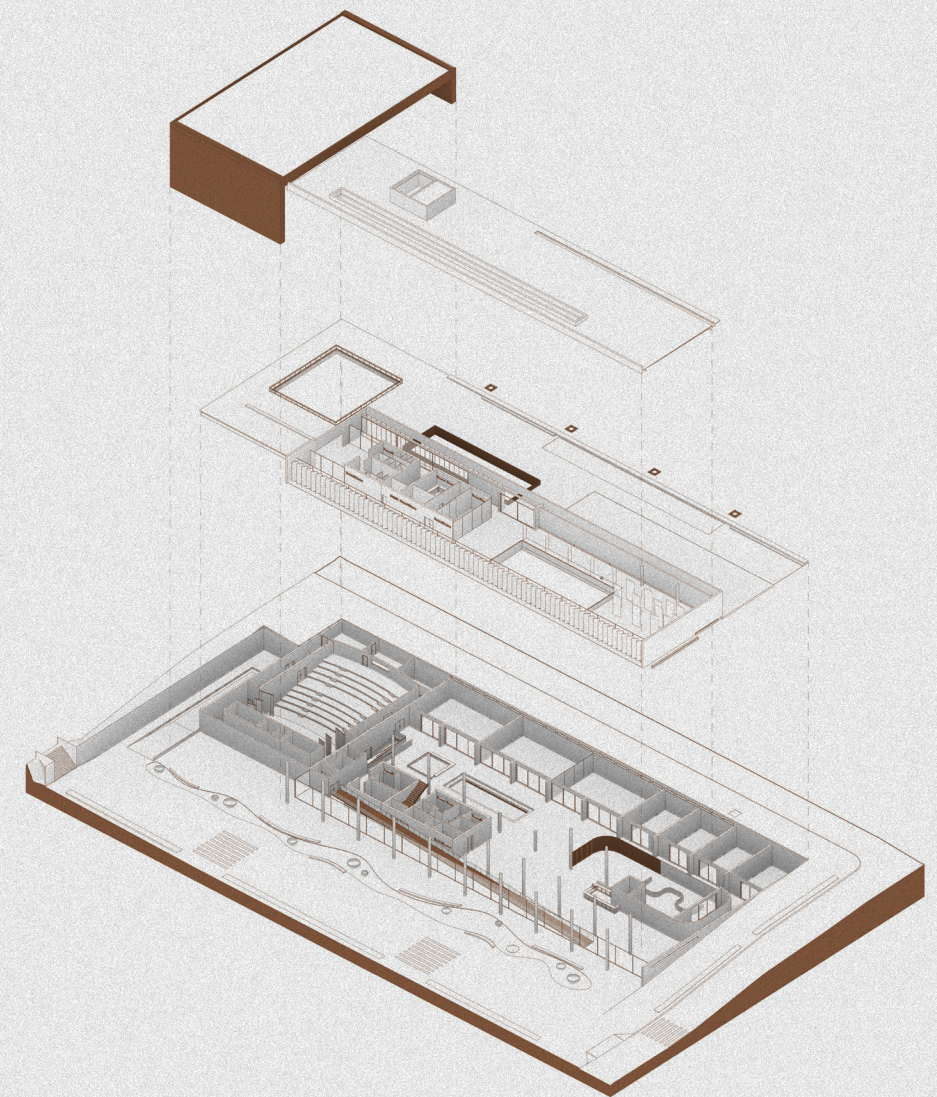
**áreas de  
apoio**

recepção  
wc  
café  
espaços de  
convivência



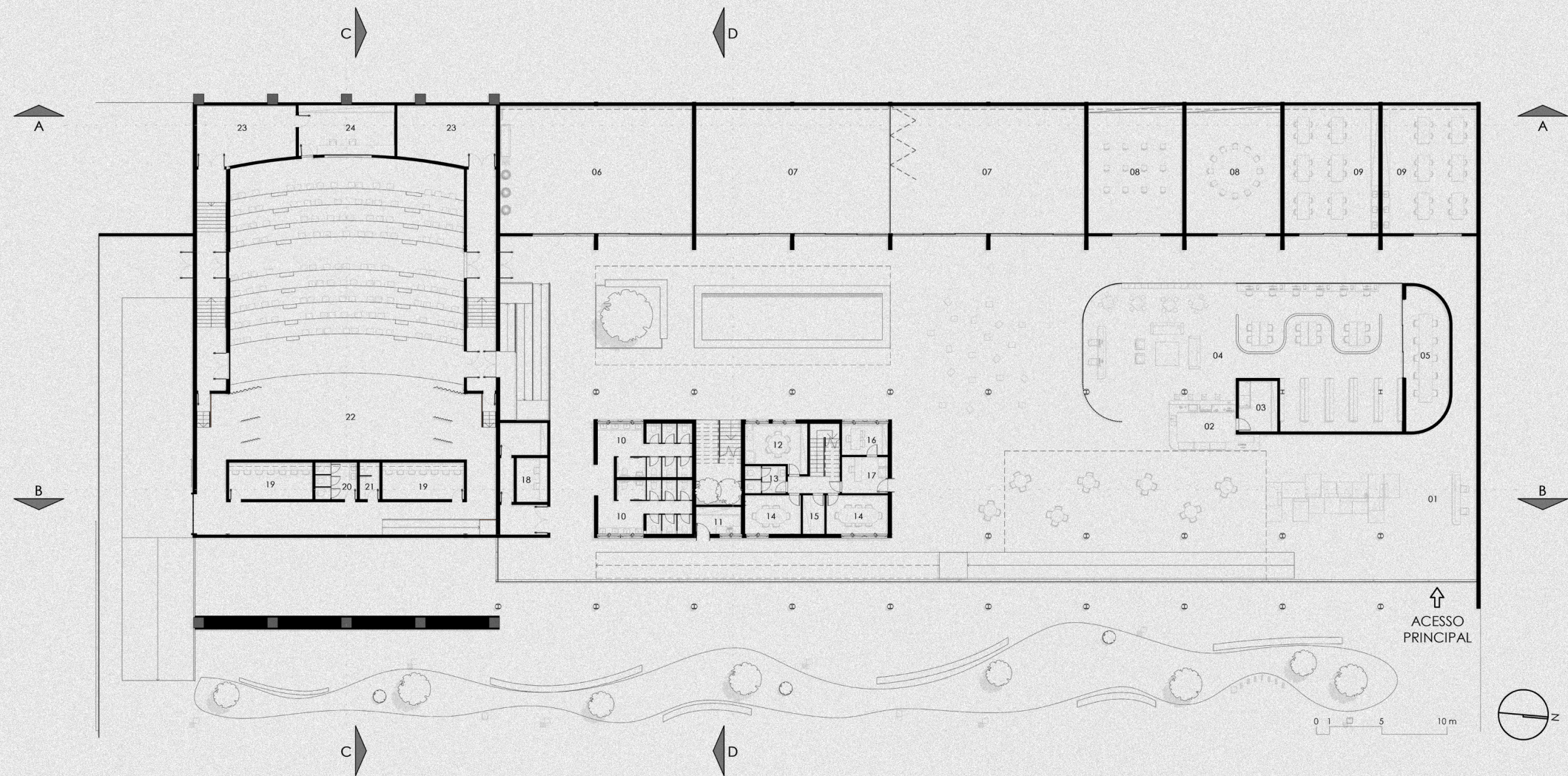


[ i m p l a n t a ç ã o ]



[ i s o m é t r i c a   e x p l o d i d a ]

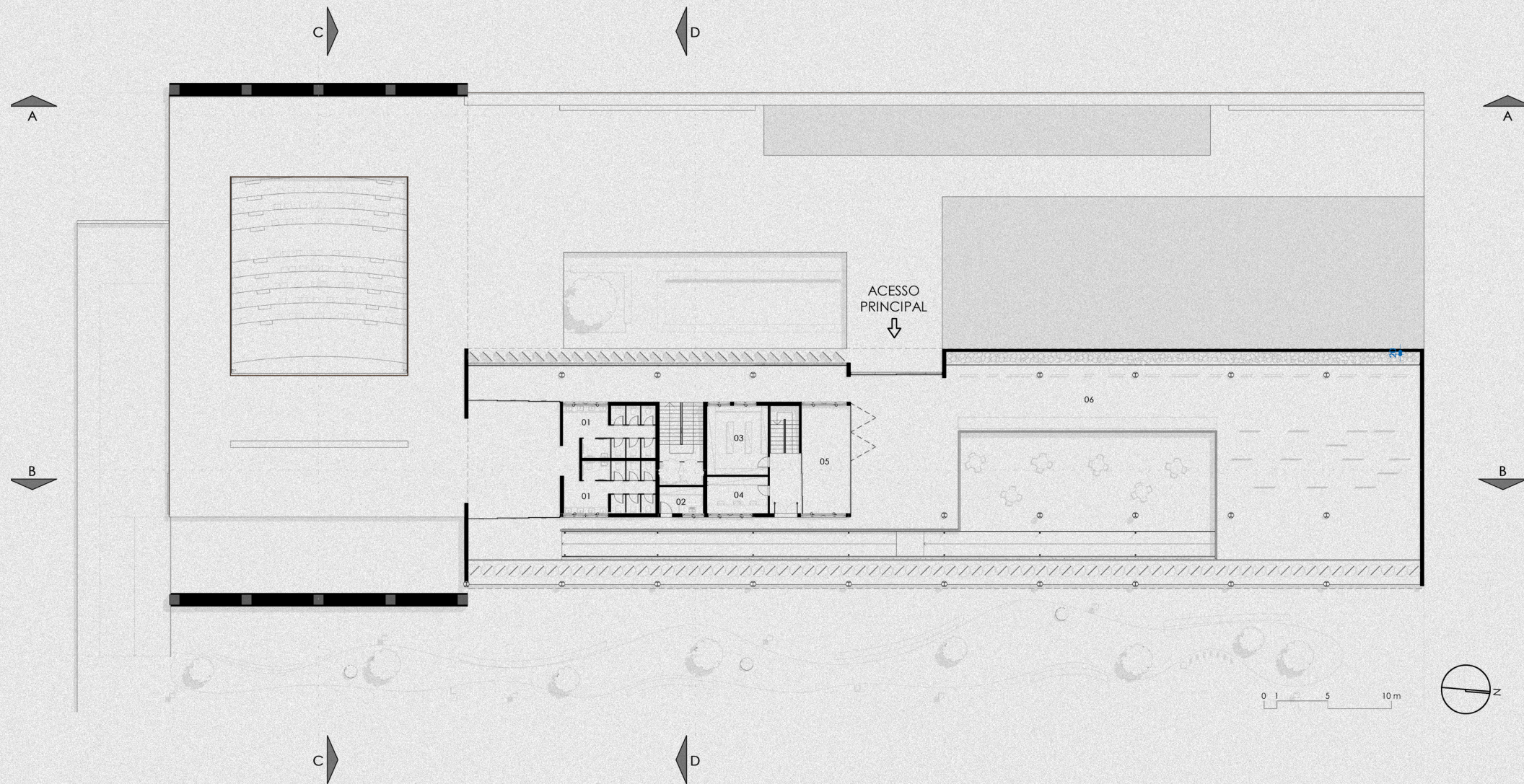




- 01. recepção
- 02. café
- 03. depósito café
- 04. biblioteca
- 05. sala de estudos multiuso
- 06. sala de pilates/yoga
- 07. sala de dança/teatro/circo
- 08. sala de música
- 09. sala de artesanato
- 10. wc
- 11. depósito de limpeza
- 12. copa
- 13. wc funcionários
- 14. sala de reuniões
- 15. almoxarifado
- 16. diretoria
- 17. secretaria
- 18. bilheteria
- 19. camarim
- 20. wc auditório
- 21. vestiário
- 22. auditório
- 23. salas de apoio
- 24. sala de áudio e vídeo

[ p l a n t a   t é r r e o ]

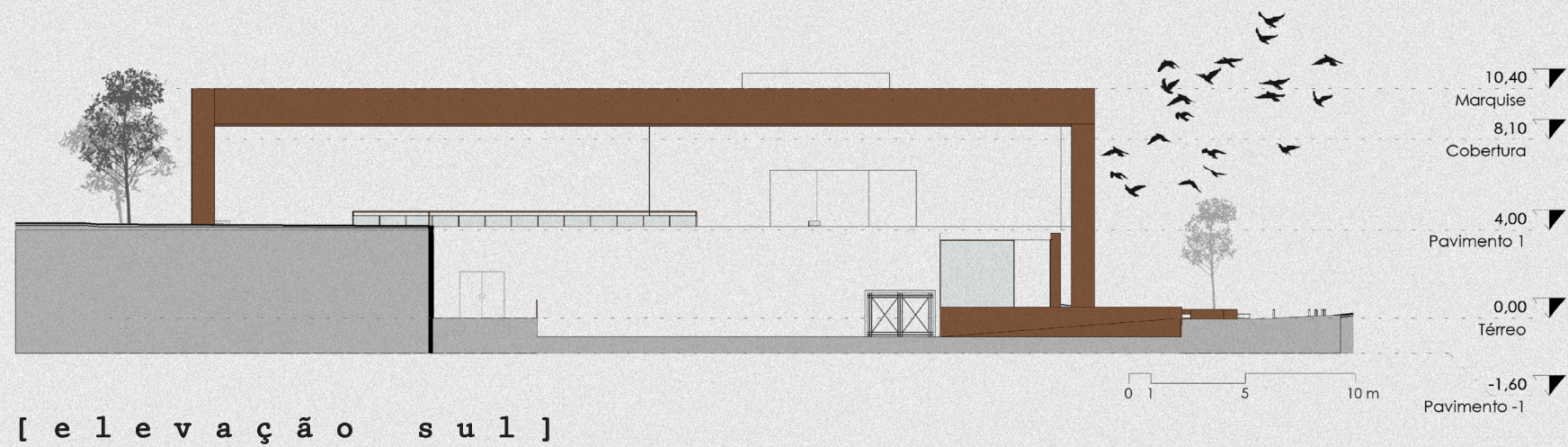
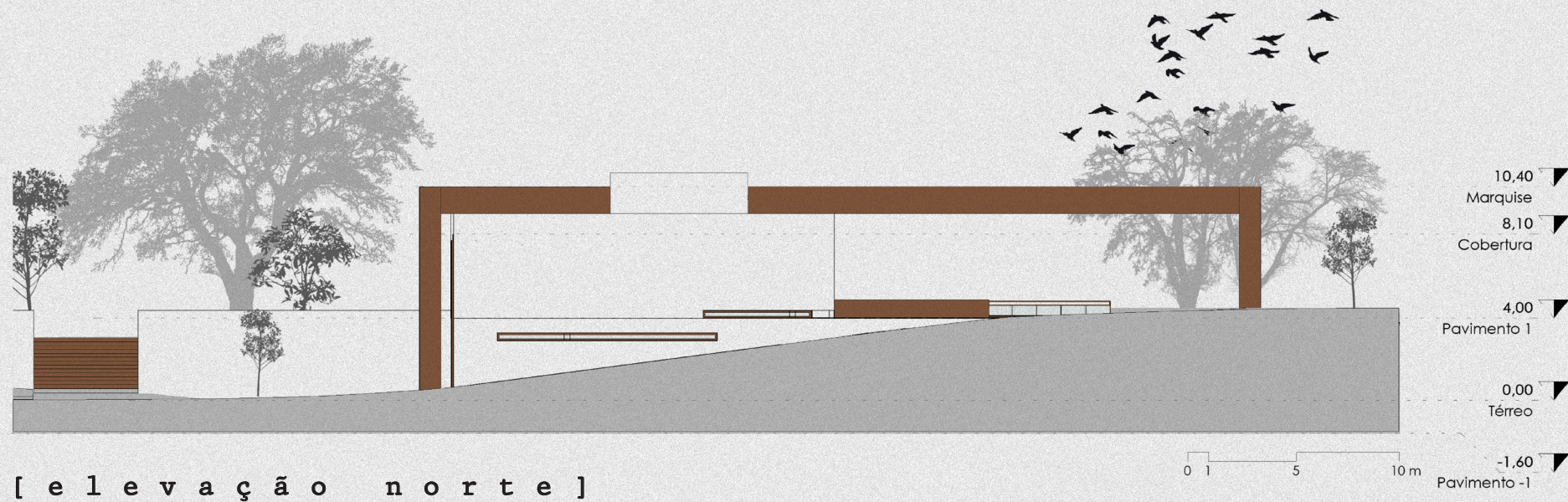




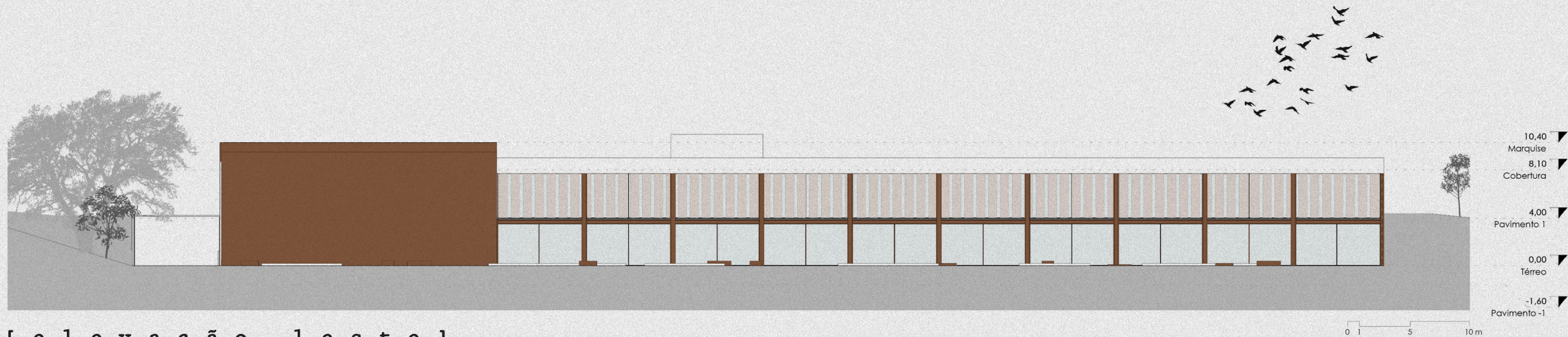
- 01. wc
- 02. depósito de limpeza
- 03. sala de arquivos museu
- 04. escritório
- 05. reserva técnica

[ p l a n t a   p a v .   1 ]

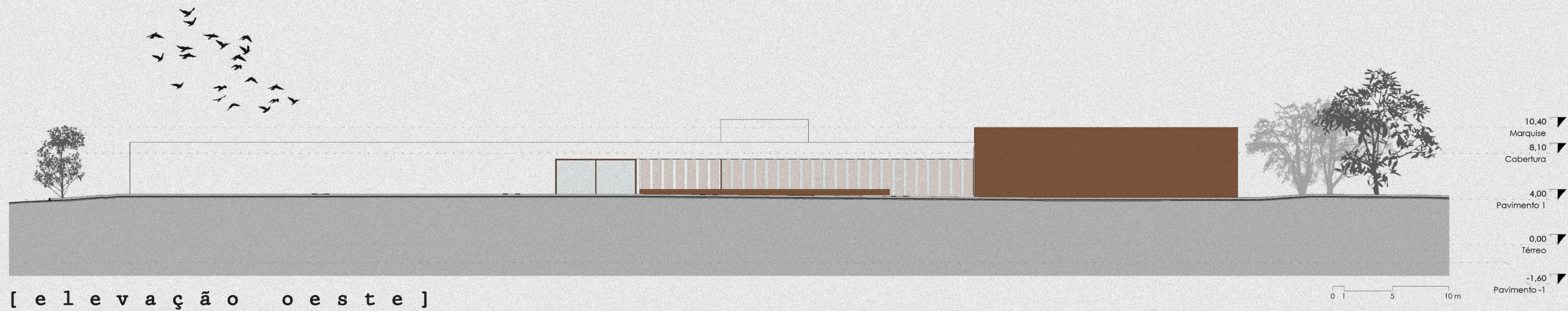






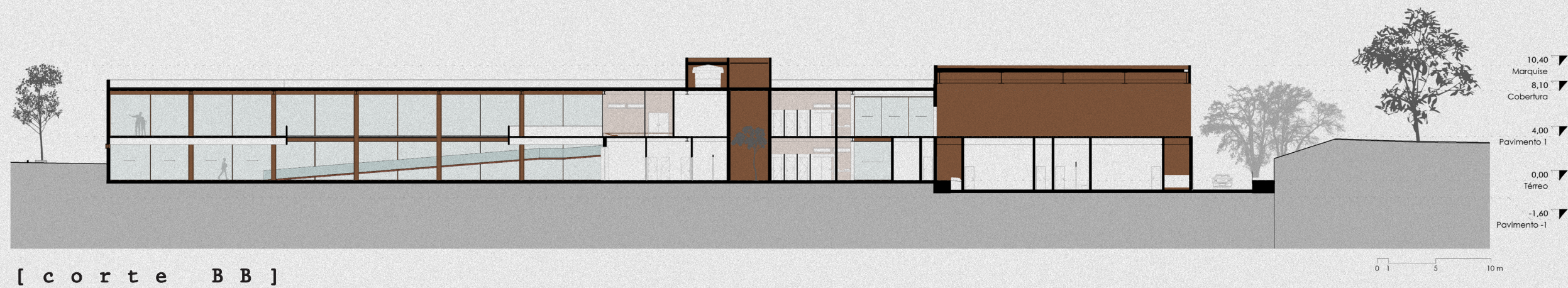
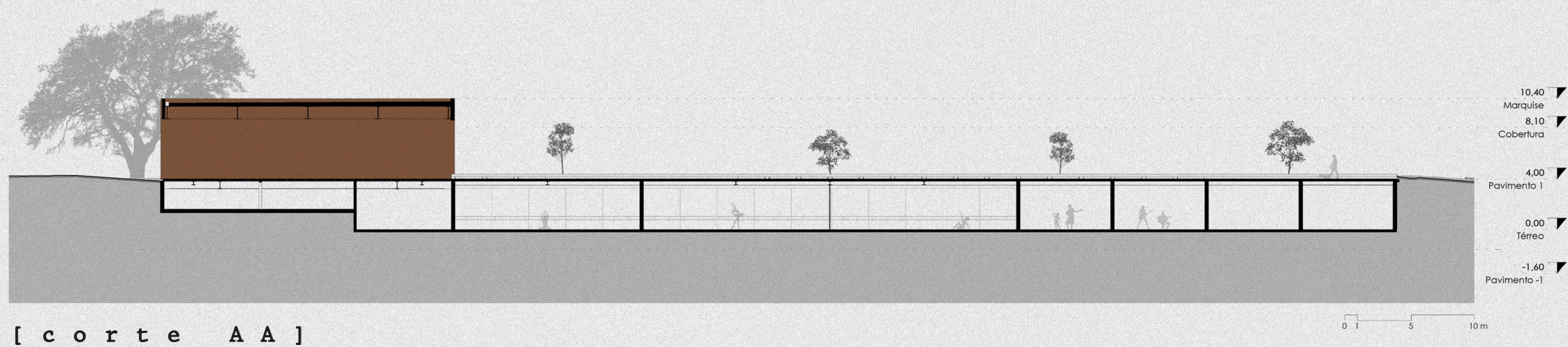


[ e l e v a ç ã o   l e s t e ]

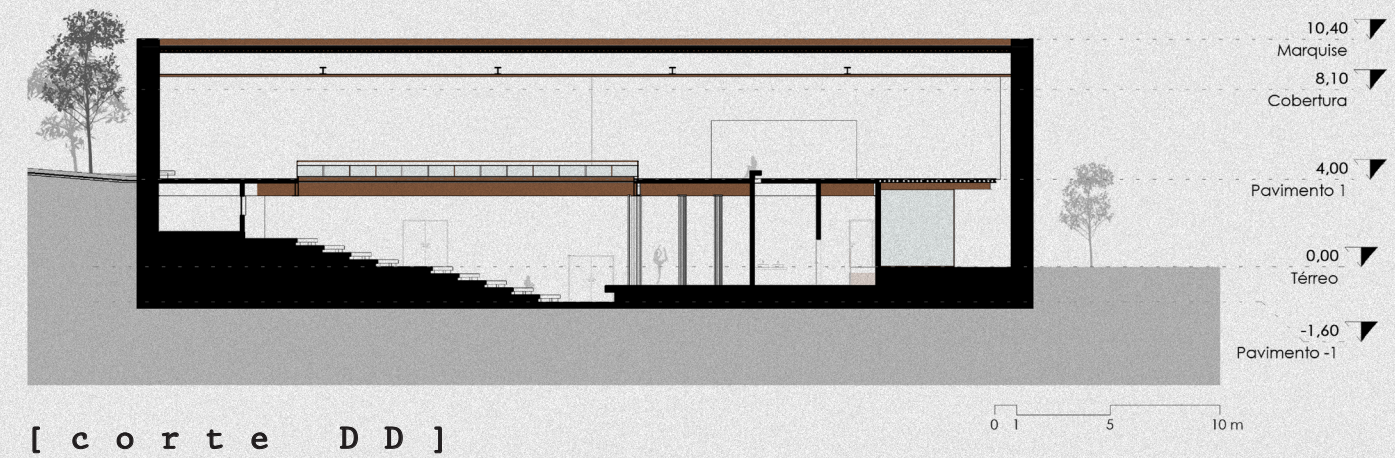
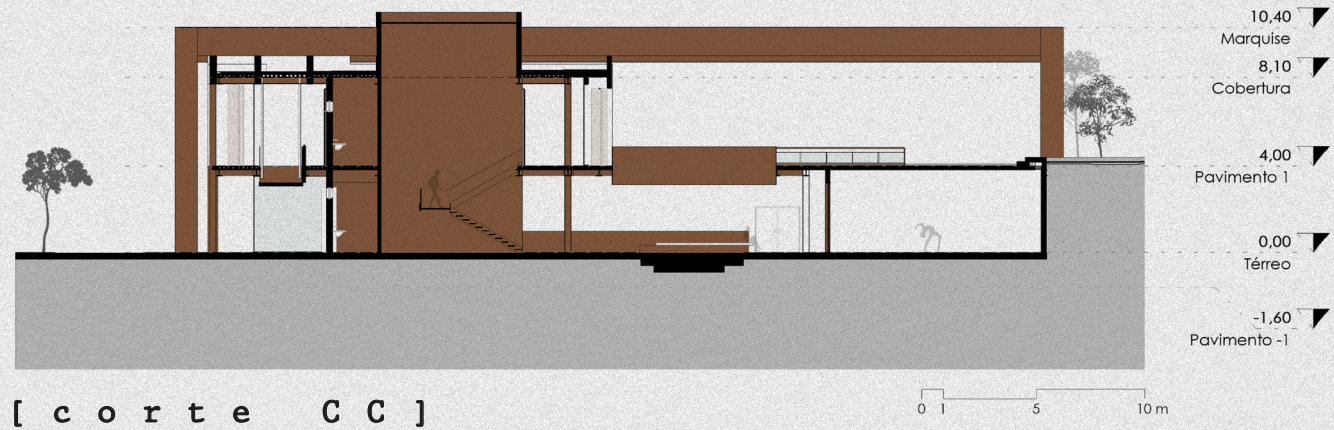


[ e l e v a ç ã o   o e s t e ]



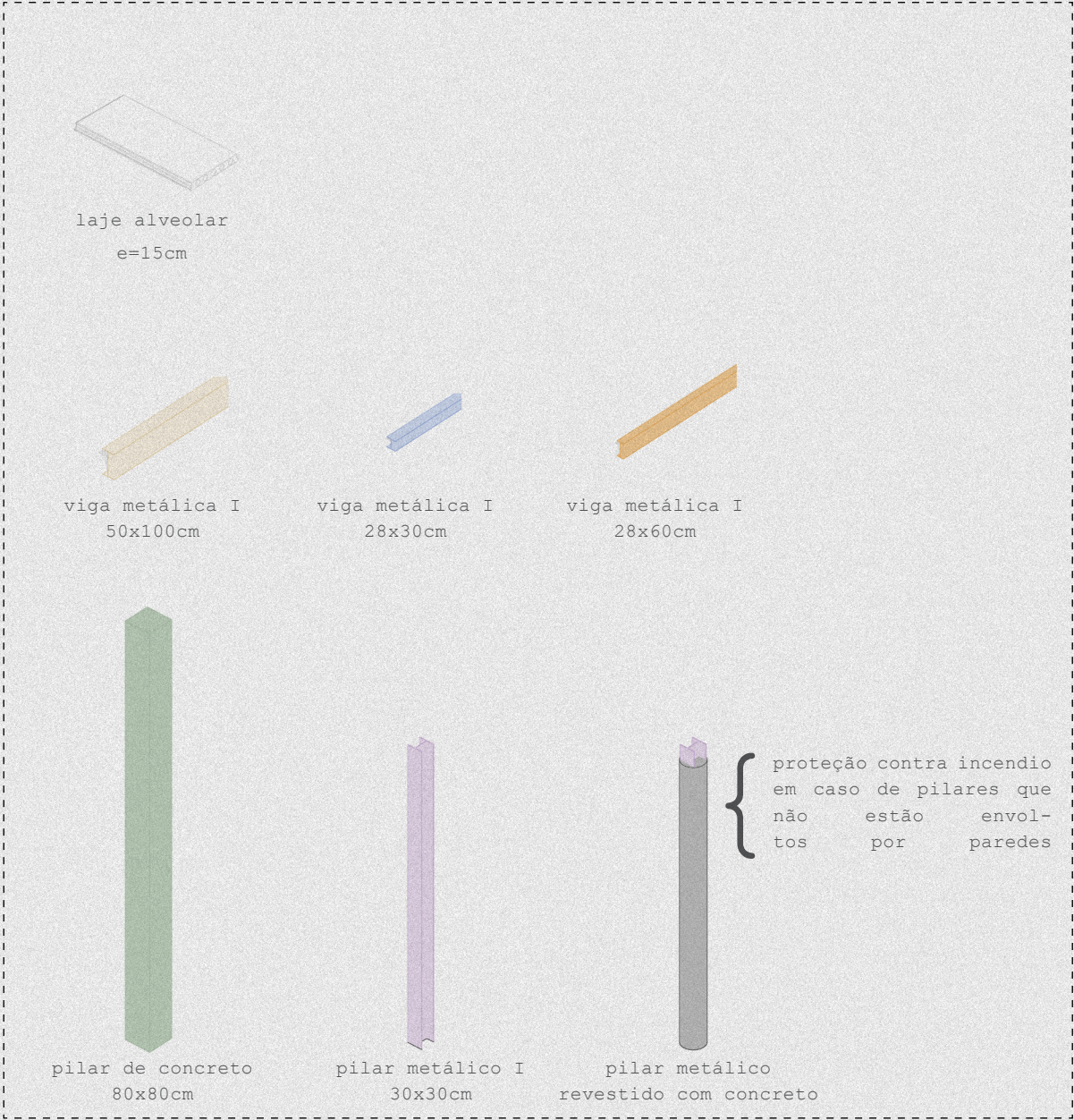
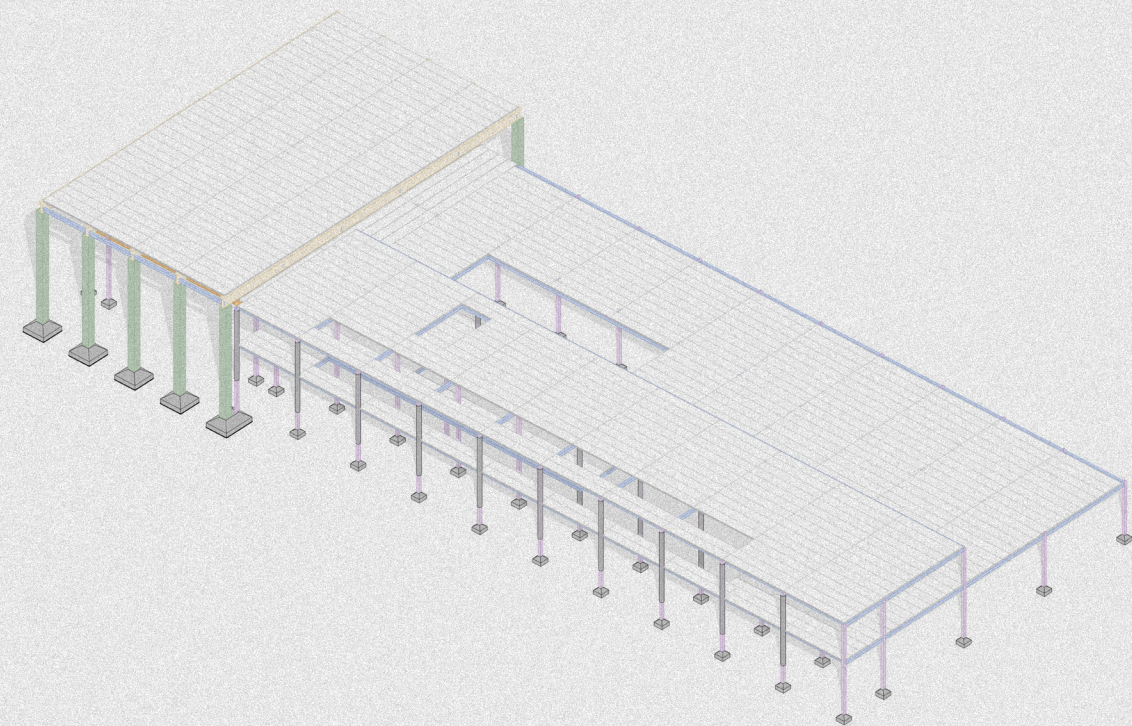






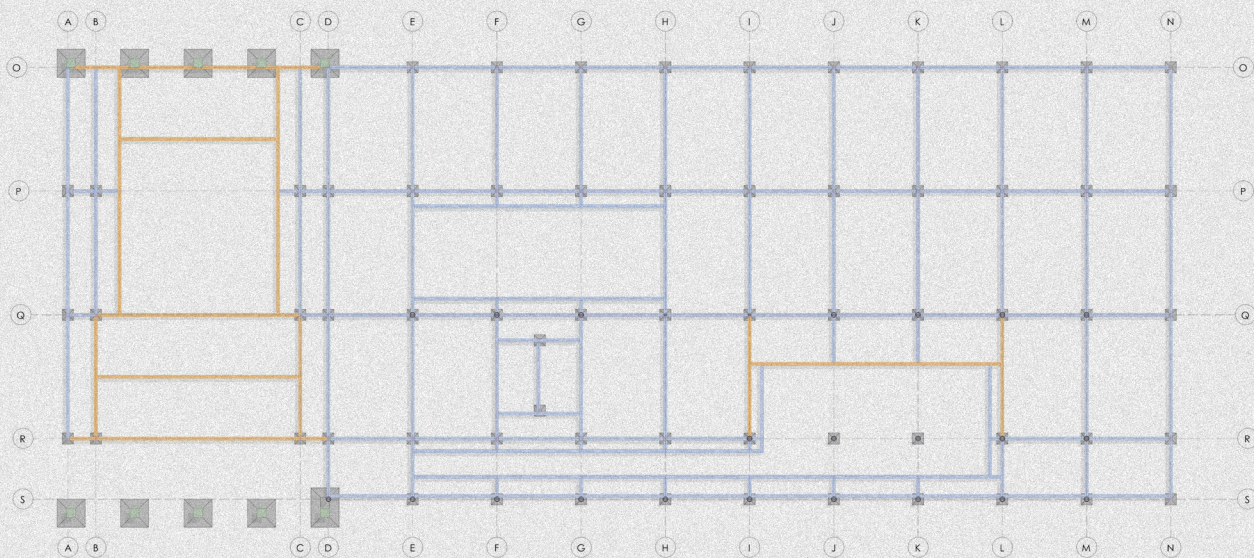


[ sistema construtivo )



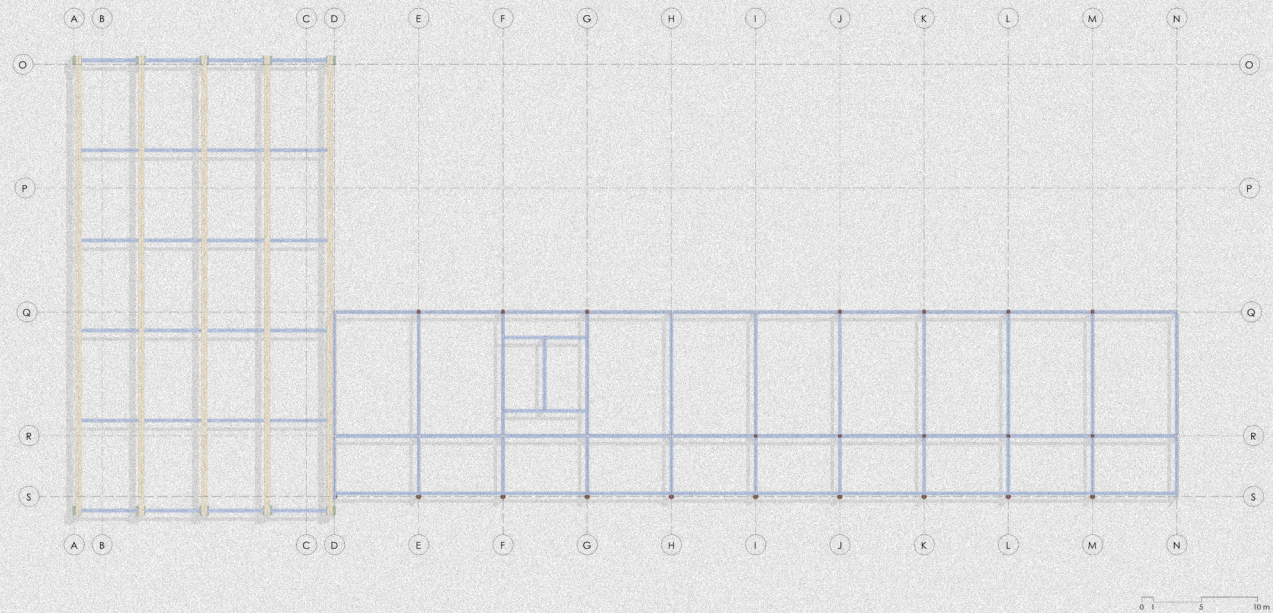


[ malha estrutural pav. 1 ]



- pilar de concreto 80x80cm
- pilar metálico perfil I 30x30cm
- viga metálica perfil I 50x100cm
- viga metálica perfil I 28x60cm
- viga metálica perfil I 28x30cm

[ malha estrutural cobertura ]



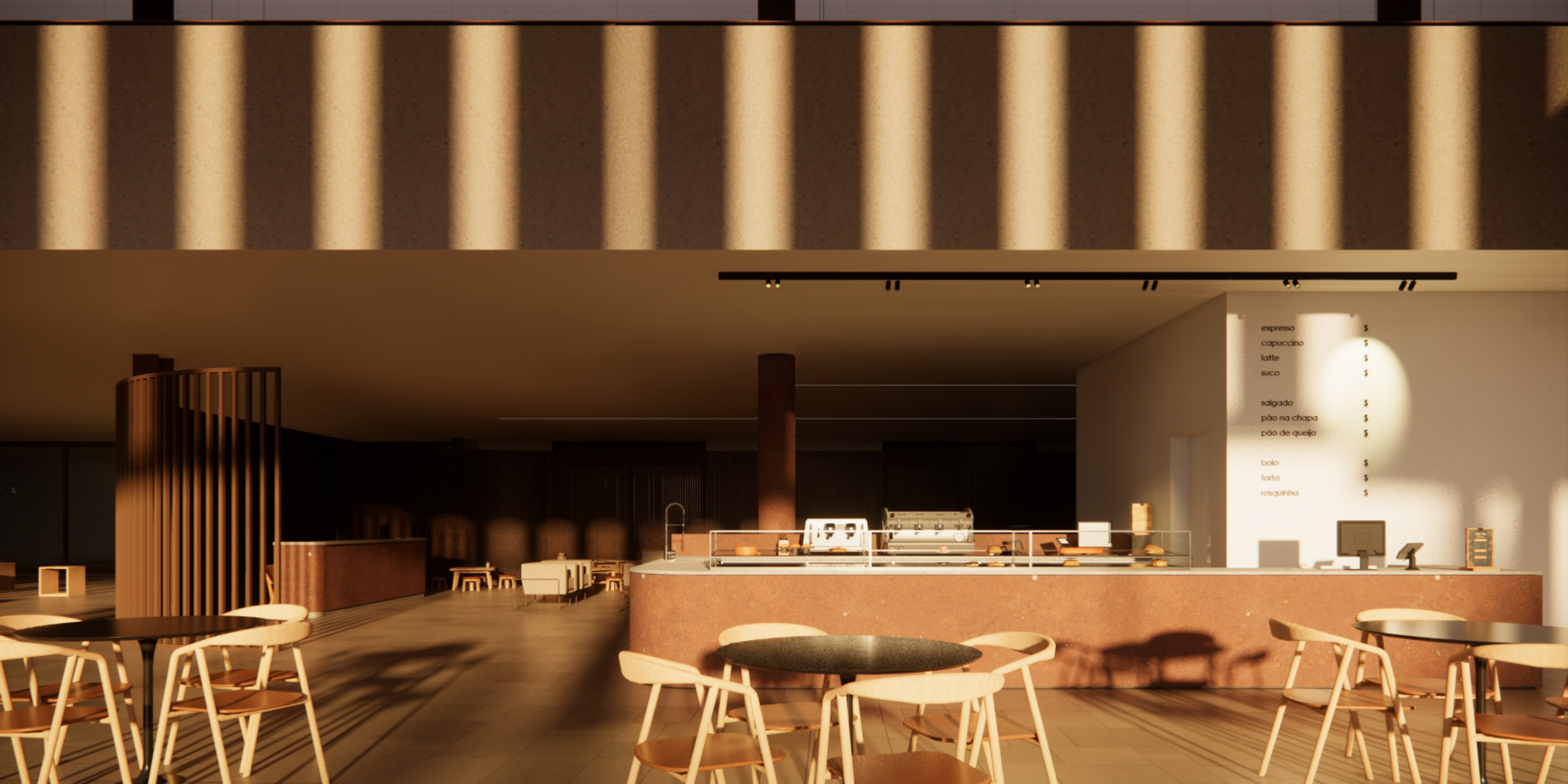












expresso	\$
capuccino	\$
latte	\$
suco	\$
salgado	\$
pão na chapa	\$
pão de queijo	\$
bolo	\$
torta	\$
rosquinha	\$



















































## [ r e f e r ê n c i a s ]

AGOSTINHO, Júlia Marino. **Museu Comunidade Cafundó MCC**, 2004.

BAPTISTA, Mirian Cesar. **Um Salto para a História**, 2007.

BELLAIGUE, Mathilde. **Memória, espaço, tempo, poder**. Encontro [anual] do grupo regional do comitê internacional de museologia para a América Latina e o Caribe/ICOFOM LAM (2). Quito, Equador, v. 18, 1993.

LERSCH, Teresa Morales; OCAMPO, Cuauhtémoc Camarena. **O conceito de museu comunitário: história vivida ou memória para transformar a história**. In: Conferencia Nacional de la Asociación Nacional de Artes y Cultura Latinas. 2004.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Processo Museológico e Educação: construindo um museu didático-comunitário**. 1996.

SILVA, Joseli Maria. **Cultura e territorialidades urbanas-uma abordagem da pequena cidade**. Revista de História Regional, 2000.

SIMON, Nina. **The participatory museum**. Museum 2.0, 2010.

VOGT, Carlos; FRY, Peter. **A África no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.



